

PT SE PREPARA PARA A RETA-FINAL



O Brasil tem 155 milhões de eleitoras e eleitores aptos a votar em 2024 no próximo dia 6 de outubro. Nesta reta final, lembre o que a Fundação Perseu Abramo, por meio da Escola de Formação, e o PT fizeram para orientar candidaturas na construção de projetos de governo justos e humanos

focus
BRASIL

FPA: O fortalecimento das candidaturas petistas

Reta final de campanha: 13 conselhos sobre o que fazer

Entrevista: Gulnar Azevedo, reitora da UERJ

Tensão entre Irã e Israel apavora a região



SEJA UM VOLUNTÁRIO E ESPALHE A VERDADE

*Quer ajudar o povo
do **Rio Grande do Sul** e
combater notícias falsas?*

*Entre no grupo
de Caçadores de
FAKE NEWS*

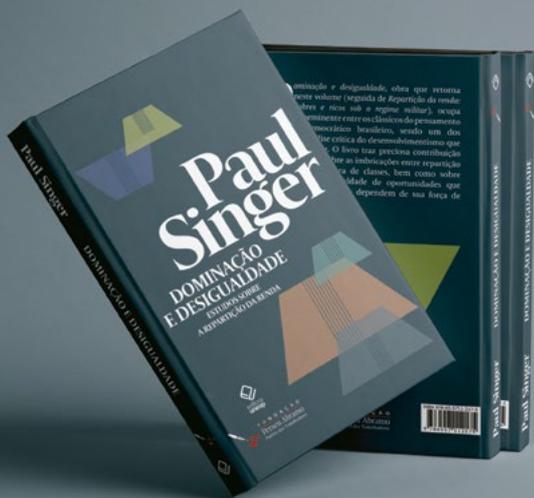
bit.ly/cacadoresfakenews



DOMINAÇÃO E DESIGUALDADE

ESTUDOS SOBRE A REPARTIÇÃO DE RENDA

PAUL SINGER



ADQUIRA SEU EXEMPLAR:

editoraunesp.com.br



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



editora
unesp

focus

BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Colaboradores: Claudia Rocha, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Guto Alves,

Henrique Nunes e Nathalie Nascimento



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre Macedo de

Oliveira, Carlos Henrique Árabe,

Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria

de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira

Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim,

Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio,

Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque,

Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel,

Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada

Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima,

Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza

Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena

Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

RECONEXÃO PERIFÉRIAS
LANÇAMENTO DO CADERNO

26/04 - DAS 16H ÀS 19H

CHACINAS E FEMINICÍDIOS
OS CASOS DE REALENGO E CAMPINAS



Local: Ocupação Nove de Julho
R. Álvaro de Carvalho, 427
Bela Vista - São Paulo

FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



cesc
Centro de Estudos de
Segurança e Cidadania

SÃO PAULO





Reprodução

ESFORÇO E FOCO

Foram meses de trabalho, centenas de horas em reuniões, encontros e debates, mais de 50 vídeos concluídos e páginas e mais páginas de cartilhas temáticas que puderam (e ainda podem) ser consultadas on-line e que seguirão como material didático para além da disputa eleitoral 6 Focus Brasil, 01 de outubro de 2024

Página 06

CARTA AO LEITOR
Rompendo o cerco, por
Alberto Cantalice

Página 05

CAPA FPA nas Eleições
e o fortalecimento das
candidaturas petistas

Página 06

RETA FINAL 13 conselhos
sobre o que fazer; leia
todos nesta edição

Página 10

BRASIL País elimina

elefantíase como problema
de saúde pública

Página 14

MEIO AMBIENTE Fundo
Amazônia libera R\$ 180
milhões para combater
queimadas na Amazônia
Legal

Página 15

ARTIGO Sistema metro-
ferroviário no RJ: o que fazer
para melhorar nos curto e
médio prazos?

Página 16

ENTREVISTA Gulnar
Azevedo fala sobre episódio
de ocupação e detalha
orçamento de bolsas da
UERJ

Página 17

ECONOMIA 43% das
empresas pretendem
contratar trabalhadores até o
fim do ano

Página 22

POSSE Macaé Evaristo foi
oficialmente empossada
ministra dos Direitos
Humanos em Brasília

Página 24

ARTIGO Uma segurança
pública popular: refletindo
além da militarização

Página 26

ARTIGO PT Semeando
esperanças em Nova York,
por Beto Faro, líder do PT no
Senado

Página 28

OBITUÁRIO Falecimento
de Nathália Urban provoca
comoção nas redes

Página 30

CULTURA Instrumentos
do samba se tornam
manifestações da cultura
nacional

Página 31

ARTIGO 103 anos de
Paulo Freire: por uma nova
primavera

Página 32

HONRARIA Dilma Rousseff
recebe honraria máxima de
Xi Jinping

Página 35



Lula Marques/Agência Brasil

ROMPENDO O CERCO

Nesta segunda-feira, na Cidade do México, o presidente Lula apostou que o crescimento brasileiro será de 3,5% em 2024

Alberto Cantalice

Os êxitos na economia brasileira vêm sendo seguidamente ignorados pelos veículos da mídia tradicional. Os porta-vozes do mercado financeiro, súditos dos donos da banca, chegaram a aventar a hipótese de ser o presidente Lula um homem de sorte.

Desconsiderando todo o trabalho desenvolvido pela equipe econômica liderada pelo ministro da Fazenda Fernando Haddad e sua luta para reconstruir o orçamento da União depois do rombo bilionário deixado por

Paulo Guedes e sua trupe.

Na tentativa solerte de enfraquecer o governo, agentes da Faria Lima especularam contra o Real criando um verdadeiro terrorismo no ambiente econômico fazendo o Dólar disparar.

O recente movimento do Banco Central em voltar a aumentar a taxa de juros é fruto dessa especulação. Essa espiral deletéria cria nas camadas populares um sentimento de debacle econômica, amplificando a sensação de aumento da inflação e dos preços quando na verdade houve deflação e queda.

“Dizem que o desemprego está aumentando, mas o desem-

prego é o mais baixo da série histórica. Falam que a renda está caindo, mas há 28 anos não tínhamos um incremento como o que tivemos em 2023”, disse o ministro Fernando Haddad em entrevista recente.

O pessimismo dos plutocratas da bufunfa os fez errar todas as previsões quanto ao crescimento do Brasil.

Nesta segunda-feira, na Cidade do México, o presidente Lula apostou que o crescimento brasileiro será de 3,5% em 2024. E falou: “O pessimismo não terminou. Disseram que a economia ia crescer 1,2% e crescemos 2,9% no ano passado, se fosse comerciante diria 3%. Agora todos estão surpresos que pode crescer 3,5%, o que não é extraordinário, mas em função da realidade da economia mundial hoje é virtuoso”, destacou Lula.

Movimento Coordenado

Esse movimento coordenado de extrapolação do pessimismo visa impedir uma vitória das forças progressistas no pleito do próximo final de semana. É uma cruzada sistemática contra as candidaturas petistas e a legenda.

Gastaram durante essa campanha eleitoral horas de programas de análises televisivas e radiofônicas prognosticando uma derrota do governo, do PT e de aliados nessas eleições. Paralelo a isso, a extrema direita vem operando as fakes News em escala industrial.

O enfrentamento e a polarização estão à todo vapor. Temos nesta reta final que ocupar as ruas e as redes das cidades para mostrar os feitos do governo Lula III e a melhoria das condições de vida do povo.

No fundo, no fundo, a verdade sempre prevalece.



Ricardo Stuckert

FPA NAS ELEIÇÕES E O FORTALECIMENTO DAS CANDIDATURAS PETISTAS

Foram meses de trabalho, centenas de horas em reuniões, encontros e debates, mais de 50 vídeos concluídos e páginas e mais páginas de cartilhas temáticas que puderam (e ainda podem) ser consultadas on-line e que seguirão como material didático para além da disputa eleitoral

Henrique Nunes

A poucos dias das Eleições Municipais, que começam no próximo dia 6 de outubro, as mais de 32 mil candidaturas petistas chegarão para a disputa amparadas por uma vasta produção de materiais elaborados pela Fundação Perseu Abramo. Graças ao projeto FPA nas Eleições, as campanhas realizadas por cada petista, em qualquer parte do Brasil, contaram com suporte técnico para construir planos de governo e conteúdos didáticos sobre temas indispensáveis no discurso.

Foram meses de trabalho, centenas de horas em reuniões, encontros e debates, mais de 50 vídeos concluídos e páginas e mais páginas de cartilhas temáticas que puderam (e ainda podem) ser consultadas on-line não só por quem pretende conquistar uma vaga no Executivo ou Le-

gislativo, mas por qualquer pessoa que se interessa por temas como segurança pública, mobilidade, saúde e tantos outros.

Neste período, o projeto também ganhou destaque na imprensa nacional e internacional, endossando a importância da Fundação de ser uma das grandes referências em formação política do país. A seguir lembre cada um dos trabalhos que contemplam o projeto.

Time de Mentoria

Desde o início de julho, centenas de pré-candidatos e candidatas do PT de todo o Brasil ganharam um providencial auxílio para elaborarem os seus programas de governo e afinarem seus discursos antes do pleito. Às vésperas das Eleições Municipais, marcadas para o mês de outubro, o Time de Mentoria da Fundação Perseu Abramo já foi acionado quase 200 vezes para tirar dúvidas sobre as mais diver-

sas áreas de centenas de candidatos e candidatas.

Vídeos temáticos

A Fundação Perseu Abramo acaba de lançar 25 vídeos com propostas temáticas para colaborar com a construção de programas de governo das candidaturas petistas ao Executivo e Legislativo nas eleições municipais.

Os temas abordados dizem respeito a problemas e desafios a serem superados nos municípios brasileiros.

Cartilha Evangélica

Um dos grandes desafios dos partidos progressistas tem sido ampliar o diálogo com a população evangélica, estimada em mais de 40 milhões de pessoas e fundamental para definir o rumo das eleições em todo o país.

Foi pensando nisso que a Fundação Perseu Abramo decidiu lançar a Cartilha Evangélica: Di-



Tem a Igreja

A BÍBLIA É UMA SÓ



Reprodução

álogo nas Eleições, material que surge na esteira do site destinado a ampliar o trabalho de base do Partido dos Trabalhadores, também publicado recentemente.

No caso da Cartilha Evangélica, a ideia é apresentar a lideranças políticas e militantes detalhes sobre como conversar com os cristãos evangélicos do país, apresentando dados sobre a realidade desta camada da população.

Além de já ter produzido a cartilha didática com orientações para dialogar com eleitores, agora também é possível ouvir o que oito pessoas ligadas a essa vertente religiosa têm a dizer sobre os mais variados assuntos.

Em depoimento gravado em vídeo, os evangélicos petistas falam sobre como o partido pode estreitar a relação com uma camada da população que abrange mais de 42 milhões de brasileiros. A série foi encomendada à Fundação pelo Partido dos Tra-

balhadores para mostrar que o trabalho feito pela legenda sempre respeitou a diversidade religiosa no país.

“A religião faz parte da cultura do povo brasileiro. As igrejas nos bairros são locais de acolhimento, espaços que fortalecem o vínculo de comunidade no território, de percepção e circulação de ideias comuns. São lugares onde as pessoas encontram conforto em meio a conflitos familiares, mas também onde há o grupo de mulheres, ensino de música para as crianças”, explicou o presidente da FPA, Paulo Okamoto.

É por isso que, prosseguiu ele, “é importante para o Partido dos Trabalhadores buscar diálogo e também convidar essas pessoas para que encontrem no PT espaço para transformar a realidade que vivem”.

Às vésperas das Eleições Municipais, que começam no próximo dia 6 de outubro, as mais de 30 mil candidaturas petistas chegarão para a disputa amparadas

por uma vasta produção de materiais elaborados pela Fundação Perseu Abramo. Graças ao projeto FPA nas Eleições, as campanhas realizadas por cada petista, em qualquer parte do Brasil, contaram com suporte técnico para construir planos de governo e conteúdos didáticos sobre temas indispensáveis no discurso.

Foram meses de trabalho, centenas de horas em reuniões, encontros e debates, mais de 30 vídeos concluídos e páginas e mais páginas de cartilhas temáticas que puderam (e ainda podem) ser consultadas on-line não só por quem pretende conquistar uma vaga no Executivo ou Legislativo, mas por qualquer pessoa que se interessa por temas como segurança pública, mobilidade, saúde e tantos outros.

Neste período, o projeto também ganhou destaque na imprensa nacional e internacional, endossando a importância da Fundação de ser uma das grandes referências em formação política do país. A seguir relembre cada um dos trabalhos que contemplam o projeto.

Trabalho de base

A Fundação Perseu Abramo lançou um site 100% dedicado ao trabalho de base. A iniciativa foi feita por dezenas de mãos, das mais variadas áreas e foi compilado após inúmeras reuniões.

Visando contribuir para atualizar o Trabalho de Base, a FPA propôs a elaboração de estudos conduzidos por um grupo de voluntários que se engajaram, sob a coordenação do Presidente Paulo Okamoto, na tarefa de refletir e produzir conhecimento acerca do Trabalho de Base realizado hoje.

O principal material disponível no site é uma cartilha, que pode ser baixada e impressa,

com o passo a passo para realizar o trabalho de base. Com 32 páginas, o guia mostra com detalhes, e de maneira totalmente didática, pontos como “onde acontece o trabalho de base” e como “identificar militantes” e saber se o trabalho está apresentando resultados positivos.

Cartilha do NAPP

Os Núcleos de Acompanhamento de Políticas Públicas (NAPPs) redigiram subsídios e diretrizes que podem ser utilizados para a elaboração de programas de governo de candidatos e candidatas do Partido dos Trabalhadores no período eleitoral que se aproxima.

O caderno serve tanto para candidaturas ao Executivo como para os Legislativos municipais.

Segurança pública

A criação de políticas públicas para o combate da criminalidade não vinha sendo uma das prioridades das formulações feitas a partir da FPA. Porém, a realidade em muitas cidades é de medo e insegurança. Hoje, cidadãos têm medo da criminalidade de Norte a Sul do Brasil e FPA decidiu buscar o que há de melhor para a área da segurança pública. Conheça também a cartilha de segurança pública, que está publicada com esses vídeos na página especial FPA nas Eleições 2024

Nos 11 vídeos que você pode assistir clicando aqui ou no player acima, estão ideias e também casos de experiências bem-sucedidas em cidades e estados governados pelo Partido dos Trabalhadores.

Guia para redes sociais

Em mais uma iniciativa que integra o projeto FPA nas Eleições, a Fundação Perseu Abramo aca-



ba de lançar um guia com seis dicas para que candidatos e candidatas do PT gravem de maneira correta seus vídeos nas redes sociais.

O guia digital tem sete minutos de duração e é dividido nos seguintes capítulos:

- Equipamento;
- Onde gravar;
- O que gravar;
- O que falar;
- Sua melhor versão;
- Luz, câmera e ação

Empreendedores

Dois empreendedores e uma empreendedora falaram o que pensam sobre as políticas que o Partido dos Trabalhadores - PT vem criando ao longo dos anos para beneficiar essas pessoas que lutam para ter o seu próprio negócio.

É muito importante que você candidato(a) a vereador(a) ou a prefeito(a) preste atenção no que dizem essas pessoas para que você possa defender a forma como o Partido dos Trabalhadores busca melhorar o ambiente de negócios para esse setor.

Dicas para dialogar com pessoas idosas

A Fundação Perseu Abramo também apresentou dois vídeos para subsidiar a estratégia de campanhas eleitorais municipais. O primeiro quer melhorar o diálogo com as pessoas idosas e o outro traz dicas sobre a necessidade de se valorizar e se comprometer com as políticas de assistência social.

No caso dos idosos, a consultora e pesquisadora de Economia do Envelhecimento, Maria do Carmo Guido, explica os cuidados que devem ser dedicados a esse público, que representa 15,8% da população brasileira, segundo o censo de 2022. Para tanto, reforça que eles devem ser considerados como importantes agentes econômicos, e não um peso à sociedade.

Os vídeos estão disponíveis na página FPA nas Eleições 2024, que consiste em uma série de manuais e cartilhas (em formato digital para download) e vídeos temáticos sobre os mais diferentes temas que dizem respeito ao cotidiano dos municípios.

RETA FINAL DE CAMPANHA: 13 CONSELHOS SOBRE O QUE FAZER

A última semana, véspera de eleição, é o período no qual o eleitor brasileiro, em geral, decide o voto; ouvimos quem entende do assunto e trouxemos dicas para ajudar a fortalecer o seu candidato no pleito municipal

Redação Focus Brasil

No próximo domingo (6), quase 156 milhões de eleitores devem se dirigir às urnas nos 5.570 municípios brasileiros para elegerem seus representantes ao cargo de prefeito e para a Câmara de Vereadores.

O número de indecisos costuma sempre ser significativo, até a reta final, em diferentes contextos, não só na esfera municipal. Mas na disputa relacionada aos vereadores, por exemplo, a indecisão segue bastante alta até o dia da eleição. Segundo a mais recente pesquisa do Datafolha, 67% dos eleitores da maior cidade da América Latina, São Paulo, ainda não decidiram o voto para vereador. Embora 87% responderam considerar muito importante a escolha que farão.

Apesar do tempo curto, nesse sentido, os dados mostram que é esse exatamente o melhor momento para conquistar votos. Ouvimos 13 pessoas que se dedicam ao trabalho em campanhas, entre políticos militantes e artistas, para entender o que ainda é possível ser feito nas ruas e nas redes sociais, confira:

"Estamos a poucos dias da eleição e ainda dá para ajudar o candidato porque nos últimos dias os eleitores decidem o voto. Uma forma de ajudar é pedir voto onde as pessoas já te conhecem, que sabem que você tem credibilidade para indicar um candidato. Outra forma de convencimento é mostrar as causas defendidas pelo seu candidato e explicar o porquê elas são importantes. As causas nos mobilizam e também movimentam aquelas pessoas que acreditam nelas"

Paulo Okamoto, presidente da FPA



"É importante deixar de lado as iniciativas de ofensas, que atrapalharam a qualidade dos debates. Minha recomendação é dizer aos eleitores as propostas, o que se quer fazer para melhorar a vida das pessoas"

Eduardo Suplicy, político



“Para conquistar os indecisos, o diálogo nas ruas e o corpo a corpo são essenciais. Se for possível, é legal organizar uma banquinha na porta de alguma estação de metrô, por exemplo, sempre conversando de forma respeitosa. A internet também é um campo de disputa interessante, compartilhe as postagens de campanha do seu candidato nas redes sociais, abra o coração. A autenticidade gera proximidade. O whatsapp é uma boa ferramenta nesse sentido. Não subestime o poder da mobilização local junto aos grupos dos quais você já faz parte, isso é fundamental.”

Marina do MST, deputada estadual (RJ)



“Nos dias finais da campanha, muitas cores nas ruas, muita alegria e força persuasiva. Para apresentar, sugiro dois ou três pontos sólidos para um novo tipo de comunhão urbana em que a solidariedade e o direito a fruir as ruas em liberdade e segurança sejam os elementos principais. É preciso dizer: a cidade é de todos e para todos”

Tarso Genro, político



“Olho no olho. O PT, historicamente, tem essa característica, nada melhor do que conversar, pessoalmente, com amigos, família, turma do futebol, o balconista da padaria, as pessoas da comunidade da sua igreja. Identificar o que mais interessa para aquele determinado eleitor. Tem que focar no que interessa. O que ele precisa? O que ele espera do candidato? Ouvir também faz parte das tarefas da reta final. Essa informação é muito importante para que a pessoa crie identificação com o seu candidato. Nas redes, é legal gravar um vídeo apresentando seu voto e os motivos”

Juliana Cardoso, deputada federal (SP)



“É nas cidades que a vida acontece. Tudo se movimenta nos centros, nas praças, nos bairros, nas vilas, na periferia. Nossos candidatos têm lado nessa história, e esse lado, mais do que uma escolha, é uma decisão, precisamos mostrar isso com muita humanidade e respeito ao outro, mostrar que as pessoas são protagonistas”

Paulo Paim, senador (RS)



“Na minha experiência, você elege ou deixa de eleger alguém muito antes da campanha, com planejamento, representatividade real, capacidade de sensibilizar as pessoas para participarem do processo. Mas, como estamos na reta final, meu conselho é falar com o máximo de pessoas, sem demagogia, ou seja, prefeito e vereador não fazem milagre, mas é melhor ter quem tem compromisso de representar os interesses dos trabalhadores. A esquerda precisa voltar a falar dos interesses de classe. É a hora de não votar no inimigo”

Ricardo Berzoini, político



“É hora de ir para a rua com a estrela no peito e toda energia para conquistar o voto dos indecisos. É muito importante destacar a candidatura e o número, principalmente o número, em lugares públicos, saídas de escolas, comércios e demais locais. Organizar caminhadas pelos bairros, sem esquecer das ações nas redes sociais. Reta final é hora de ter concentração e mobilização total para a vitória”

Gleisi Hoffmann, presidente do PT



“Vale a pena dizer que se a pessoa está em dúvida sobre um candidato a vereador ou prefeito, é interessante ela votar em alguém do PT porque o canal é mais aberto com o presidente. E com isso a cidade terá boas condições de se mover nas engrenagens relacionadas a recursos e projetos”

Paulo Betti, ator



“Essas eleições se dão em um clima político sem paralelo nos últimos anos. A realidade é que agora podemos dizer que acabou aquele clima de hostilidade com o PT, as pessoas estão mais abertas a ouvir, não rasgam mais os panfletos na distribuição. Estamos no governo federal, o país agora tem um rumo. Portanto, há um espaço político para reiniciar o nosso crescimento. Temos que defender questões relacionadas ao emprego, as pessoas estão pensando nisso. Precisamos ser objetivos nas nossas propostas, marcar presença com carreatas, bandeiraços.”

Zé Dirceu, político



“Minha dica é focar na escuta e no diálogo. É importante entender as necessidades e preocupações das pessoas e mostrar como as propostas do partido estão alinhadas com a melhoria da qualidade de vida delas. Além disso, compartilhar a nossa trajetória em defesa da democracia, dos direitos sociais e da classe trabalhadora fortalece a confiança. E claro, sempre combater as fake news com informação verdadeira e responsável. Conquistar um voto é, antes de tudo, construir um laço de confiança.”

Fátima Bezerra, governadora do RN



“Eu acredito que campanha é o momento de colheita. Na reta final, nós já temos uma avaliação, e é verdade que não basta plantar, cultivar e não se preparar para colher. Então, é preciso se reunir com a equipe, os voluntários, os apoiadores para que eles estejam motivados, é como um mutirão. Agora é a hora de distribuir a ‘colinha’ que as pessoas não guardam e agora querem pegar. Além disso, é hora de pensar também na equipe de fiscalização para o dia da eleição. Para convencer que está em dúvida, nas redes sociais, distribua cards bem objetivos com o número e poste em vídeos curtos”.

Padre João, deputado federal (MG)



“O ritmo de já ganhou é nocivo, é preciso manter a animação para ganhar. A agenda do candidato na última semana tem que estar a todo vapor, pegando as pontas soltas, com quem ainda não foi possível conversar. Visibilidade em pontos estratégicos é essencial, faixas, bandeiras, a criatividade nesse sentido é muito importante, mesmo com uma equipe pequena é possível fazer rodízios em diferentes pontos da cidade. Nas redes, vale usar as redes de transmissão, mas, além disso, eu prefiro apostar em algo mais direcionado como uma ligação ou então um texto bem personalizado para cada pessoa. Na reta final, o corpo a corpo continua sendo o melhor termômetro, sempre respeitando o perfil do candidato. Uma boa avaliação na hora certa pode identificar o que deu errado na estratégia para conseguir reverter na última semana”

Adrianinha, militante do PT



BRASIL ELIMINA ELEFANTÍASE COMO PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

OMS parabenizou o país pelo estágio alcançado contra a doença

Agência Brasil

A filariose linfática, popularmente conhecida como elefantíase, foi eliminada do território brasileiro como problema de saúde pública. Considerada uma das maiores causas globais de incapacidade permanente ou de longo prazo, a doença permanecia endêmica apenas na região metropolitana do Recife, incluindo Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Paulista. O último caso confirmado, segundo o Ministério da Saúde, foi registrado em 2017.

Causada pelo verme nematoide *Wuchereria Bancrofti*, a filariose linfática é transmitida pela picada do mosquito *Culex quiquefasciatus*, também conhecido no Brasil como pernيلongo ou muriçoca, infectado com lar-

vas do parasita. Entre as manifestações clínicas mais importantes estão edemas ou acúmulo anormal de líquido nos membros, nos seios e na bolsa escrotal, que podem levar o paciente à incapacidade.

Em nota, a Organização Mundial da Saúde (OMS) parabenizou o país pela eliminação da filariose linfática como problema de saúde pública. “Eliminar uma doença é uma conquista importante e que exige um compromisso inabalável”, avaliou o diretor-geral da entidade, Tedros Adhanom Ghebreyesus.

“Parabenizo o Brasil por seus esforços para libertar sua população do flagelo de uma doença dolorosa, desfigurante, incapacitante e estigmatizante. Este é mais um exemplo do incrível progresso que estamos fazendo contra as doenças tropicais negligenciadas, além de dar espe-

rança a diversas outras nações que ainda lutam contra a filariose linfática para que também possam eliminar a doença”, completou Tedros.

Cenário global

De acordo com a OMS, o Brasil agora se une a outros 19 países e territórios que também foram certificados pela eliminação da filariose linfática como problema de saúde pública. São eles: Malawi, Togo, Egito, Iêmen, Bangladesh, Maldivas, Sri Lanka, Tailândia, Camboja, Ilhas Cook, Quiribati, Laos, Ilhas Marshall, Niue, Palau, Tonga, Vanuatu, Vietnã e Wallis e Futuna.

Nas Américas, três países permanecem classificados pela entidade como endêmicos para a filariose linfática: República Dominicana, Guiana e Haiti. Nessas localidades, segundo a OMS, se faz necessária a administração em massa de medicamentos capazes de interromper a transmissão da doença.

“Além de se tornar o 20º país a ser validado pela eliminação da filariose linfática como problema de saúde pública, o Brasil também se tornou o 53º país a eliminar pelo menos uma doença tropical negligenciada”, destacou a OMS, em comunicado publicado nesta terça-feira (1º).

Dados da entidade mostram que, em 2023, 657 milhões de pessoas em 39 países e territórios viviam em áreas onde é recomendado tratamento em massa contra a filariose linfática. A estratégia consiste na administração de quimioterapia preventiva para interromper a infecção. A meta definida pela OMS é eliminar pelo menos 20 doenças tropicais negligenciadas até 2030.

FUNDO AMAZÔNIA LIBERA R\$ 180 MILHÕES PARA COMBATER QUEIMADAS NA AMAZÔNIA LEGAL

Recursos serão distribuídos entre os estados de Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, com o objetivo de fortalecer a infraestrutura dos Corpos de Bombeiros na região

Com o objetivo de socorrer a Amazônia, o governo Lula liberou novos recursos para combater as queimadas em quatro estados da Amazônia Legal.

A diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em conjunto com o Ministério do Meio Ambiente (MMA), aprovou a liberação de R\$ 180 milhões do Fundo Amazônia para os Corpos de Bombeiros.

Amapá, Amazonas, Pará e Roraima irão receber, cada um, R\$ 45 milhões para investir no combate às queimadas que assolam a região.

Os recursos do governo Lula serão utilizados para o aparelhamento e estruturação dos Corpos de Bombeiros, incluindo a compra de veículos, máquinas e equipamentos de proteção pessoal.

Além disso, as verbas contemplam a realização de obras civis, como a construção de três novas bases operacionais no Amazonas e de um batalhão em Roraima.

No total, cerca de R\$ 99 milhões serão usados na aquisição de veículos e R\$ 38 milhões em equipamentos de proteção.

Na rede social Bluesky, o ministro da Casa Civil, Rui Costa, afirmou que o montante liberado "é mais um importante apoio no combate às queimadas.

Prevenção e combate

Além de fortalecer a infraestrutura, os recursos também serão aplicados em ações de prevenção, combate, monitoramento e fiscalização.

Estas ações incluem a capacitação de agentes públicos, a formação de brigadas voluntárias e campanhas educativas voltadas para a conscientização sobre o impacto das queimadas.

Aproximadamente R\$ 9,2 milhões serão destinados a materiais de combate a incêndios, enquanto R\$ 8 milhões serão usados para a compra de máquinas e equipamentos específicos.

Fundo Amazônia

Os R\$ 180 milhões fazem parte de um pacote maior de R\$ 405 milhões planejado pelo Comitê Orientador do Fundo Amazônia (Cofa).

Esse montante visa fortalecer o combate às queimadas nos novos estados que compõem a Amazônia Legal. Desde o início do ano, outros contratos já foram firmados, como o de R\$ 34 milhões com Rondônia em fevereiro, e R\$ 21,7 milhões com o Acre em abril.

Desde 2012, o Fundo Amazônia do governo Lula tem destinado recursos para projetos de combate a incêndios.

Durante os governos do PT, entre 2012 e 2014, R\$ 77 mi-

lhões foram distribuídos para Acre, Mato Grosso, Pará, Rondônia e Tocantins, além de projetos de apoio ao PrevFogo/Ibama.

Esses projetos já resultaram no treinamento de mais de 3,7 mil brigadistas e na melhoria das capacidades de inteligência e estratégia dos estados.

Resultados efetivos

Avaliações de projetos anteriores indicam que os investimentos geraram resultados concretos na redução dos focos de calor.

Um estudo realizado em 2021, sob a Cooperação Alemã para o Desenvolvimento Sustentável, por meio da Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit GmbH (GIZ), em parceria com o BNDES, indicou que os municípios apoiados pelos recursos do Fundo Amazônia tiveram uma redução de aproximadamente 30,3% dos focos de calor entre os períodos de 2003-2012 e 2013-2019.

Além dos Corpos de Bombeiros, instituições como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e o Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam) também foram beneficiadas pelos recursos do fundo, reforçando a infraestrutura de monitoramento ambiental da região.

Da Redação, com informações do MMA

SISTEMA METRO-FERROVIÁRIO NO RJ: O QUE FAZER PARA MELHORAR NOS CURTO E MÉDIO PRAZOS?

Propostas para melhorar o sistema metro-ferroviário do RJ a curto e médio prazos com gestão compartilhada

Por José Augusto Valente.

Chegará o dia em que o SUM – Sistema Único de Mobilidade – será uma realidade e terá como principal característica garantir a gestão compartilhada entre União, estados e municípios, visando à eficiência e eficácia necessárias para assegurar esse direito social.

A PEC 25/2023, que trata do SUM, em tramitação no Congresso Nacional, pode ser aprovada no início de 2025, com forte apoio dos(as) prefeitos(as) das capitais e de grandes cidades, que buscam uma solução institucional duradoura, já que não dispõem de meios e recursos para atender à crescente demanda por mobilidade com qualidade. O SUM, na minha opinião, terá o condão de não só evitar o colapso total da mobilidade, mas também de possibilitar um ciclo virtuoso que garanta o direito social ao transporte público de qualidade, previsto na Constituição Federal.

O que fazer nos curto e médio prazos?

Como regra, a operação e gestão dos serviços de transporte público estão centradas em contratos de concessões privadas, com base no argumento de que a operação e gestão públicas são ineficientes e onerosas para os cofres públicos. Salvo raras exceções, são as concessionárias que definem a qualidade dos serviços, sempre com base em seu fluxo de caixa,

não no interesse dos usuários. Garantir elevada taxa de retorno financeiro tornou-se, portanto, o principal fator na tomada de decisões de gestão. O grande drama é que são os usuários de baixa renda que financiam, em grande parte, os atrativos fluxos de caixa das concessionárias, sofrendo elevações periódicas das tarifas, apesar do mau serviço prestado.

Exemplifico com o caso da Supervia, concessionária dos trens metropolitanos do Estado do Rio de Janeiro.

A pontualidade e a redução do intervalo entre trens nas estações, que são itens cruciais para atender ao direito social dos usuários, são vistas pela concessionária como inviáveis por afetarem o seu lucro, ao exigirem aumento de custos operacionais e de investimentos. Assim, a queda no número médio de passageiros transportados por dia, de mais de 1 milhão no início do contrato para 600 mil pouco antes da pandemia de Covid-19 e, atualmente, para cerca de 300 mil, foi a principal consequência da decisão de não promover as melhorias necessárias para aumentar o fluxo de usuários.

Ou seja, no atual modelo de gestão privada, via concessão, há uma contradição intrínseca: é inviável conciliar a melhoria da qualidade do sistema de trens metropolitanos com a imperiosa necessidade de manter um fluxo de caixa atrativo para os acionistas da concessionária.

O que proponho como mode-

lo a ser adotado?

Em 2021, a Prefeitura do Rio redefiniu a relação entre o poder público e as empresas prestadoras de serviços de transporte por ônibus, tendo como principais itens desse modelo: a criação da estatal Mobi-Rio; a gestão do sistema pela Prefeitura, incluindo o controle da bilhetagem digital; o pagamento pelo serviço prestado com base nos quilômetros rodados; e o subsídio para cobrir a diferença entre os custos e receitas, com o congelamento da tarifa. Nesse modelo, a Prefeitura faz a gestão, com exigências crescentes de qualidade, as empresas prestam o serviço e recebem adequadamente por ele, e os usuários são os principais beneficiados. Todos saem ganhando.

Replicando esse modelo ao sistema metro-ferroviário do Rio, teríamos: gestão pública com foco na melhoria da qualidade do serviço; operação por empresa pública ou privada seguindo as regras do gestor público; e subsídios para realizar os investimentos necessários à melhoria do sistema, com garantia de modicidade tarifária. Realizando essa gestão de forma compartilhada entre União, estado e municípios atendidos, com o necessário controle social, este novo modelo anteciparia o SUM, podendo viabilizar um modelo sustentável permanente.

José Augusto Valente é membro da Divisão Técnica de Transporte e Logística do Clube de Engenharia. Foi secretário de Política Nacional de Transportes e Presidente do DER-RJ.

“A UERJ TEM UMA RESPONSABILIDADE MUITO GRANDE NO DESENVOLVIMENTO DO ESTADO”

Em entrevista à Focus Brasil, Gulnar Azevedo fala sobre episódio de ocupação, negociações e detalha orçamento de bolsas da UERJ

Alberto Cantalice e Guto Alves

“Esse é o primeiro dia que eu estou sentada aqui na minha cadeira da reitoria depois da desocupação”, começou a professora Gulnar Azevedo, antes mesmo que se iniciassem as apresentações.

A reitoria da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a Uerj, fica situada em um prédio vertical de 12 andares no seu maior campus, que foi ocupado por manifestantes no dia 26 de julho. Os ocupantes foram retirados no dia 20 de setembro, cerca de

60 dias após o início dos atos de protesto. Como a reitora Gulnar nesta entrevista, antes disto, ao avaliar junto aos diretores de unidades acadêmicas a situação de insegurança e de prejuízo em que a Uerj se encontrava, a reitoria pediu que as pessoas que ainda permaneciam no prédio o desocupassem em 48 horas, o que não aconteceu.

“No dia em que foi feito o pedido de reintegração de posse, tivemos uma reunião com vários servidores técnicos administrati-

vos e docentes, que contou com observadores da Associação Brasileira de Juristas da Democracia para acompanhar. E eu falei: ‘eu queria ouvir vocês. A gente vai ter que pedir a reintegração de posse, porque a situação está passando de todos os limites aceitáveis e o prejuízo já é enorme’. Todos concordaram e nós pedimos”, relata Gulnar.

A remoção contou com uso de força policial, com o Batalhão de Choque da Polícia Militar, mexendo com a opinião popular,



Fernando Frazão/Agência Brasil

até mesmo de alunos e professores da instituição.

Nesta entrevista, a reitora Gulnar Azevedo chama atenção para o que motivou todo o alvoroço causado em torno do que foi chamado de “Aeda da Fome”, foi o reajuste em bolsas e auxílios emergenciais que foram concedidos no período da Pandemia de Covid-19, na condição de existência de disponibilidade financeira e publicado no contexto de calamidade pública.

Os ajustes contidos neste Aeda (Ato Executivo de Decisão Administrativa), segundo a reitora, as dificuldades de arcar com todos os gastos da universidade, dado que o governo estadual já havia solicitado um reajuste nos repasses a todos os órgãos por conta da previsão de baixa de arrecadação e do regime de recuperação fiscal.

Leia trechos da entrevista:

- Quando a ocupação se encerrou, como foi que vocês encontraram os prédios? Como foi

esse momento de reencontro com a estrutura de trabalho e qual o maior desafio posto agora para retomada do trabalho?

- Então, na sexta-feira (27/9) está fazendo uma semana que o prédio foi de fato desocupado, este prédio aqui do Maracanã, que é o maior prédio da Uerj. Para se ter uma ideia, dos 30 mil alunos da Uerj, mais de 20 mil estão aqui nesse prédio. Nós ficamos fora dele quase dois meses. Ficamos instalados numa sala bem provisória, num prédio aqui do lado, desde o dia 26 de julho, quando todas as salas da reitoria, da vice-reitoria e das cinco pró-reitorias foram ocupadas, inclusive quebrando uma parede. Duas semanas depois, houve uma nova invasão e foram fechadas todas as entradas da Uerj, inclusive as saídas de segurança e entradas de emergência. Tudo ficou fechado. Quando foi retomado na sexta-feira (20/09), viemos aqui ver e estava realmente inabitável. Tudo jogado de qualquer jeito, papéis espalhados. Eu não sei se eu vou conseguir encontrar

tudo. Laptops sumiram, tablets sumiram, alguns HDs foram retirados e está sendo apurado. Estou tentando achar o meu computador ainda. A gente não conseguiu entender, jogaram todos os computadores numa sala só, tudo muito vasculhado. Foi uma ocupação realmente violenta e estamos apurando o que foi suprimido. Hoje (27/09), foi a primeira reunião do Conselho Universitário depois da desocupação e o clima já estava bem mais tranquilo, com bem menos gente na audiência e não havia instrumentos de percussão, o que vinha acontecendo no período da ocupação.

- Em alguns relatos e entrevistas, a senhora diz que houve tentativa de diálogo. Como foram essas tentativas, elas passaram pelo Centro Acadêmico, pelo DCE? O que é que deu errado?

- Vocês entenderam o porquê da reação? A reação se deu porque ajustamos os critérios das bolsas e auxílios assistenciais concedidos aos estudantes não-cotistas

que foram dados de forma emergencial.

- A Uerj é pioneira no sistema de cotas e de bolsas inclusivas. Como funciona a política de bolsas atual da universidade?

- A Uerj foi pioneira no sistema de cotas. Foi a primeira, em 2003. Começou com o sistema de reserva de vagas para negros e provenientes de escola pública. No início mais de 40% das vagas foram preenchidas por cotistas e, com isso, se percebeu que muitos desses alunos chegavam numa condição muito carente - e para poder permanecer, foram instituídas condições para apoiá-los. Uerj foi pioneira nisso também concedendo aos cotistas uma bolsa assistencial.

Quando assumimos a reitoria em janeiro deste ano, a Uerj concedia quase 9000 bolsas para os cotistas e cerca de 2500 bolsas para estudantes não-cotistas que comprovavam vulnerabilidade social. Além destas, para estudantes cotistas e não-cotistas em vulnerabilidade social, também são dados auxílios alimentação e transporte. E ainda o auxílio creche, dado para estudante, pai ou a mãe independente da renda familiar. O critério até então assumido para avaliar a vulnerabilidade social é a comprovação de renda familiar igual a um salário-mínimo e meio per capita.

- Há quem diga que o estopim teria sido o corte de bolsas e a chamada "Aeda da Fome" (Ato Executivo de Decisão Administrativa), porque você teria "falta de empatia" e teria "tirado dos pobres" a bolsa emergencial da pandemia. Pode nos elucidar essa questão?

- Nós mantivemos todas as bolsas dos estudantes que entravam no vestibular pela ampla concorrência até julho, mas devido à falta de recursos, foi necessário

fazer este ajuste. Então, o que é que nós fizemos? Deixamos na vulnerabilidade social os mais pobres, aqueles que recebem até meio salário-mínimo per capita. O ajuste feito em julho não mudou o critério para os cotistas, o um ajuste foi feito apenas para os não cotistas e mantivemos aqueles com até meio salário-mínimo per capita. Não mexemos na bolsa de cotista, que por lei têm direito a reserva de vagas no ingresso à universidade: pessoas carentes pretas e pardas, vindas de escola pública, quilombolas, indígenas ou filho de policial. A lei estadual não define o critério de carência socioeconômica, ficando a cargo da universidade estabelecer.

- E isso tudo foi colocado nas negociações?

- Desde maio deste ano, vem sendo apresentada a situação orçamentária e as dificuldades em vários fóruns e conselhos superiores da Uerj, assim como em várias reuniões com grupos de estudantes. Conversamos sobre as dificuldades de manter todos as bolsas e auxílios e a gente foi trabalhando como poderia ser feito um ajuste de forma a ter garantia para chegar ao final do ano.

No dia seguinte que o AEDA foi publicado, houve uma grande manifestação e os estudantes entraram na reitoria e não aceitaram dialogar com os pró-reitores presentes. Eles não quiseram conversar.

- Quando a senhora diz "eles", quem são exatamente? Com quem se conversava? Representavam todos os estudantes?

- Na segunda-feira, logo após a primeira ocupação, nós chamamos um fórum de diretores das unidades acadêmicas e explicamos a situação e na terça convocamos uma reunião com as

pessoas que estavam ocupando a reitoria. Não havia uma representação formal da parte deles. A partir daí, constituímos uma comissão de negociação composta pela reitoria e diretores de centros setoriais e foram realizadas oito reuniões com a presença do DCE, CAs e ocupantes, nas quais não foi possível chegar a um acordo.

- E por que "Aeda da Fome"?

- Devido a proposta que fizemos de que nos campi com restaurante universitário, a gente daria tarifa zero no bandeirão para estudantes cotistas e para os estudantes que permaneceram ganhando a bolsa de vulnerabilidade social e para aqueles nos demais campi (sem bandeirão) ficaria mantido o auxílio alimentação no valor de R\$300.

- Há outras bolsas e auxílios?

- Além das bolsas de permanência, existem os auxílios alimentação, transporte que são concedidos aos estudantes cotistas e aos que recebem as bolsas de vulnerabilidade social. Há ainda o auxílio creche/primeira infância, no valor de R\$900 por filho até 6 anos de idade que é destinado independentemente do nível socioeconômico.

- Qual o retorno acadêmico desse investimento?

- Para quem recebe essa bolsa, a bolsa de permanência, cotistas e não cotistas, o retorno acadêmico antes do ajuste que fizemos era estar inscrito em uma disciplina apenas e ter frequência de 75% nela. Com o ajuste que fizemos, ficou exigido estar matriculado e com frequência em no mínimo três disciplinas.

- Episódios como o da ocupação só fragilizam uma Uerj que já é alvo de ataques e especulação da iniciativa privada e da ex-

trema direita. Como é que você consegue administrar a distribuição de recursos e toda a situação das bolsas e auxílios e despesas administrativas e da instituição?

- Para manter todas estas bolsas, nosso gasto mensal é muito alto. Em 2023, o estado do RJ estava em uma situação financeira melhor e houve uma suplementação orçamentária para Uerj acima de R\$300 milhões. Com a previsão do governo de baixa de arrecadação, nos foi solicitado rever nossos gastos dada a impossibilidade de realizar suplementação. Mostramos a importância da Uerj para o estado e a necessidade de garantir todas as nossas despesas para manter nossas ações finalísticas. Até julho, não tivemos suplementação, conseguimos antecipação do orçamento aprovado na Alerj, que já era abaixo das nossas necessidades. Tivemos várias reuniões com o executivo do governo do RJ e conseguimos uma suplementação de R\$150 milhões, que ainda fica abaixo do que precisamos, mas nos dá uma perspectiva melhor para arcar com todas as despesas que não são só em função das bolsas e auxílios estudantis.

- Foi quando começou a crise. Como foi a negociação neste momento?

- Inicialmente houve ocupação na reitoria que fica no campus Maracanã e nos campi de São Gonçalo e Duque de Caxias. Duas semanas depois, houve uma nova manifestação e vieram muitas pessoas e ocuparam todo o prédio principal com obstrução de todas as portas de entrada, inclusive as de emergência. Houve ainda a ocupação de dois andares da Faculdade de Enfermagem. Convocamos o DCE, os CAs para participarem de reuniões abertas aos ocupantes com a equipe de negociação composta pela reitoria e diretores de cen-

tros setoriais.

- Não houve nenhum acordo? Como ficou o chamado "Aeda da Fome"?

- Foram oito reuniões. Fizemos uma proposta de transição para os que perderam a bolsa vulnerabilidade social. Revogamos o AEDA 38 e publicamos outros dois AEDAS garantindo uma bolsa de R\$500 para aqueles que perderiam a bolsa (os não cotis-

COM A PREVISÃO DO GOVERNO DE BAIXA DE ARRECADAÇÃO, NOS FOI SOLICITADO REVER NOSSOS GASTOS

tas com renda per capita entre 0,5 e 1,5 salário-mínimo). Ainda no mês de setembro esta bolsa foi depositada nas contas. Por isso, a razão do "Aeda da Fome" já não teria mais sentido, mesmo assim, não houve a desocupação e houve um agravamento da situação. O Ministério Público notificou a reitoria sobre o fechamento das portas de emergência do prédio principal. Houve queima de pneus na rua, invadiram um prédio menor no campus Maracanã onde há laboratórios com

elementos radioativos e substâncias inflamáveis, e os estudantes foram notificados que seria necessário cumprir o protocolo de segurança, que era chamar o exército. Com isto houve, na mesma noite, a desocupação deste prédio. Muitos estudantes queriam ter aula, mas professores eram impedidos de dar aula, muitos não conseguiam entrar. Os ocupantes fizeram aula pública, atividades culturais e de lazer.

- Você é, antes de reitora, uma professora. Estou certo de que já viveu a situação, tanto dos professores, quanto dos alunos, do movimento estudantil. É preciso lutar contra essa imagem que fica, de depredação e fragilidade da instituição, além de reconstruir o cotidiano, para além dos portões da universidade, que segue sob ataque. A Uerj corre risco de privatização, certo?

- A ameaça de privatização sempre nos preocupou. Houve inclusive um projeto de lei para extinção da Uerj que teve como autor principal o deputado estadual Anderson Moraes (PL), então presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa do Rio, a Alerj.

- Como se deu o pedido de reintegração de posse da reitoria e dos demais prédios ocupados?

- Não foi possível chegar a um acordo mesmo após a proposta de transição que fizemos. Os manifestantes continuaram ocupando e pedimos por segurança das pessoas, do patrimônio e pelo enorme prejuízo causado com a suspensão de aulas e adiamento de muitas atividades acadêmicas e científicas que as pessoas desocupassem. Demos um prazo para que saíssem, chamamos uma reunião com todos os diretores de unidade e convidamos como observadores representantes da Associação

Brasileira de Juristas da Democracia. E chegamos a conclusão de que não havia outra saída que não pedir a reintegração de posse. Houve apoio da comunidade para esta decisão e pedimos a reintegração de posse. A juíza deu 24 horas para sair, depois da notificação. Os oficiais de justiça deram 24 horas para que os ocupantes deixassem o prédio. Quando o prazo terminou, a equipe da reitoria e os seguranças patrimoniais fomos verificar a situação e foram recebidos com jato de água, paus e pedras. Não teve jeito, e foi necessário autorizar a entrada da força policial. Algumas pessoas saíram durante a noite e outras no momento em que a tropa de choque chegou. Poucos ficaram, dois estudantes, um jornalista e um parlamentar que estava como testemunha. Estes foram detidos e liberados no mesmo dia.

- Quem acionou as forças de segurança para entrar no prédio e remover os ocupantes?

Nós pedimos reintegração de posse. Havia três alternativas no pedido e a justiça optou pela tropa de choque.

- E agora?

Agora a gente vai ter que reconstruir tudo isso, porque ficou a imagem de que chamamos a polícia. Tudo que não gostaríamos de presenciar. Temos que trabalhar muito na implementação da política de assistência estudantil, que não é só bolsa, mas sim um grande investimento em condições que melhorem a permanência dos estudantes e que viabilize caminhos para que possam ingressar no mercado de trabalho e assegurar um futuro melhor para eles e para suas famílias.

- Que mensagem você passaria nesse momento para os alunos

da Uerj?

A mensagem que passamos na reunião do Conselho Universitário hoje é de que temos que reestabelecer o diálogo com os estudantes, técnicos administrativos e docentes. Estamos abertos, como sempre estivemos. Continuaremos recebendo todos as entidades e estudantes que querem falar com a gente. É preciso reconstruir novamente esse caminho de diálogo e en-

TEMOS QUE INVESTIR EM UM PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL AMPLAMENTE DISCUTIDO

tender o que aconteceu. O diálogo não pode ser feito com os estudantes mascarados, que não dizem o nome.

- É importante a gente mostrar para as pessoas que não conhecem, que entendem a universidade só como local de estudo, falar da importância da presença e da existência da Uerj na cidade e no estado do Rio de Janeiro. Então, gostaria que você destacasse a importância da instituição para a sociedade Fluminense.

- A Uerj vai fazer 75 anos. São 35

unidades acadêmicas em todas as áreas, 12 campi no estado do Rio de Janeiro, sendo que entre esses, um campus em São Gonçalo e um campus em Duque de Caxias, que são escolas de formação de professores. O trabalho feito lá na área de educação é maravilhoso, forma professores para a educação básica e fundamental. Além disso, temos outros campi em Resende, Friburgo, nas áreas tecnológicas. Temos um campus na Ilha Grande que trabalha a questão ambiental. A UEZO foi incorporada à Uerj. O campus mais novo foi criado em Cabo Frio com estudantes já cursando Medicina, Geografia e Ciências Ambientais. Tem um hospital universitário e uma policlínica integrada ao SUS, que funcionam atendendo toda a demanda de alta complexidade e especialidades do estado do Rio de Janeiro. A Uerj tem um enorme potencial em todas as áreas do conhecimento, além de formar bons profissionais, tem uma responsabilidade muito grande para ajudar no desenvolvimento do Estado. E é isso que estamos mostrando ao governo e à toda a sociedade fluminense.

- O que você destacaria de ações planejadas aí para o seu mandato de agora em diante?

A gente quer implementar áreas que são necessárias para garantir o desenvolvimento e crescimento do estado. Queremos fazer parcerias com outras universidades e instituições de ensino e pesquisa. Temos que investir em um plano de desenvolvimento institucional amplamente discutido. Queremos garantir a participação de todos os fóruns internos e instâncias representativas para assegurar o processo democrático e participativo. A definição de nossas prioridades deve ser tirada de forma coletiva e com respeito mútuo.



O Brasil está na 4ª posição no ranking global de intenções de contratação

43% DAS EMPRESAS PRETENDEM CONTRATAR TRABALHADORES ATÉ O FIM DO ANO

Pesquisa ManpowerGroup aponta para avanço do mercado de trabalho no último trimestre de 2024, com setores estratégicos liderando a geração de empregos

“Alguns dizem que é sorte, mas é só trabalho”, afirma sempre o presidente Lula, quando mais um dado positivo de seu governo é divulgado, colocando as coisas em seus devidos lugares e restabelecendo a verdade diante de uma grande mídia que insiste em atacá-lo e não aceita o sucesso de seu 3º mandato. E

para o bem do país e o desgosto dessa parte da imprensa, a mais recente Pesquisa de Expectativa de Emprego realizada pelo ManpowerGroup, divulgada recentemente, veio recheada de ótimos números.

Segundo o estudo, 43% das empresas brasileiras pretendem contratar novos funcionários no

4º trimestre desse ano, apontando para um cenário de crescimento econômico e valorização do trabalho. Esse índice coloca o país na 4ª posição no ranking global de intenções de contratação, uma melhora de seis posições em relação ao trimestre anterior.

Já a expectativa líquida de

emprego no país, que mede a diferença entre empresas que planejam contratar e aquelas que pretendem reduzir o quadro de funcionários, subiu cinco pontos percentuais, alcançando 32%. Esse número coloca o Brasil no 4º lugar do ranking mundial, atrás apenas de Índia (37%), Costa Rica (36%) e Estados Unidos (34%).

Expectativa por setores

Entre os setores que lideram as previsões de contratações, sobressaem-se energia e serviços de utilidade pública (40%) e tecnologia da informação (38%). Transporte, logística e automotivo (33%) e finanças e imobiliário (32%) também surgem como destaque, seguidos de bens de consumo e serviços (30%), indústria e materiais (30%), serviços de comunicação (29%) e saúde e ciências da vida (20%).

A necessidade de investimentos em infraestrutura e tecnologia, tanto no setor público quanto no privado, tem impulsionado esses números, criando oportunidades em grandes e pequenas corporações. E as políticas de incentivo ao desenvolvimento de energias renováveis e à expansão da conectividade digital mostram o impacto da administração federal na criação de um ambiente favorável.

Panorama regional

Minas Gerais lidera as intenções de contratação, com 35% das empresas afirmando que pretendem expandir suas equipes no último trimestre do ano. A cidade de São Paulo também aparece em posição de destaque, com 32%, seguida pelo estado de São Paulo, que registra 30%. Paraná (26%) e Rio de Janeiro (15%) completam o quadro das regiões com maiores expec-



Marcello Casal Jr/Agência Brasil

tativas de contratações.

O protagonismo de Minas Gerais e São Paulo reflete o dinamismo econômico dessas regiões, que concentram grandes investimentos em setores estratégicos, como tecnologia, energia e serviços financeiros. O governo federal, em parceria com as administrações locais, tem buscado ampliar o alcance de projetos que gerem emprego e renda, principalmente em áreas que demandam mão de obra especializada.

Um porém: escassez de talentos

Como não poderia deixar de ser, o cenário é otimista. No entanto, o Brasil ainda enfrenta um grande desafio: a escassez de talentos. A pesquisa do ManpowerGroup revela que 80% das empresas têm dificuldades

em encontrar profissionais com as competências necessárias. Esse problema é mais acentuado nos setores de energia e serviços de utilidade pública (90%) e saúde e ciências da vida (87%), que apresentam as maiores lacunas de qualificação. A diretora de operações do instituto, Ana Guimarães, destaca que investir em formação é fundamental para superar os desafios e manter o ritmo das contratações.

Esse ambiente de crescimento sólido, ainda que com obstáculos, projeta um futuro promissor para o Brasil e o mercado de trabalho no último trimestre de 2024. Com suas políticas de fomento, o governo cria as condições necessárias para a recuperação e crescimento sustentado do emprego. Alguns vão continuar insistindo que é sorte, mas é só trabalho bem feito.

Com Agência PT

PRESIDENTE EMPOSSA NOVA MINISTRA DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA, MACAÉ EVARISTO

Em cerimônia no Palácio do Planalto, ministra ressaltou que é preciso criar políticas que estimulem convivência, solidariedade e, acima de tudo, cuidado comunitário



Divulgação

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva empossou a ministra dos Direitos Humanos e da Cidadania, Macaé Evaristo, na sexta-feira (27/9), em cerimônia no Palácio do Planalto.

Nomeada desde 11 de setembro, a gestora assumiu desde então as funções à frente da pasta do Governo Federal, e cuida das políticas públicas pelos direitos fundamentais de toda a população brasileira.

Segundo Macaé Evaristo, a vocação do ministério é garantir humanidade, direito à vida, liberdade, educação, saúde e trabalho, além de assegurar o direito à memória e à verdade.

"Afirmamos um Estado e uma sociedade efetivamente republicana, com direitos iguais para todas as pessoas. Uma sociedade que supera a perversidade do racismo em todas as suas formas. Uma sociedade que reconheça a potência dos saberes, vivências e experiências do nosso povo, de nossos ancestrais e de nossas comunidades tradicionais".

Para a ministra, seu tempo à frente da pasta será dedicado a cuidar especialmente das pessoas mais vulneráveis e estimular a convivência na diversidade. "Implementar um plano de ação que tenha como premissa a valorização das potências das populações, das periferias, favelas, comunidades urbanas e do cam-

po que pavimentam os caminhos de um futuro de um Brasil sem fome, sem miséria, sem racismo, sem machismo, sem capacitismo, sem LGBTQIA+fobia, sem etarismo", listou. "Direitos Humanos não é um termo metódico. Ele só tem sentido se for materializado na vida cotidiana das pessoas".

Perfil

Nascida em São Gonçalo do Pará, no estado de Minas Gerais, em abril de 1965, Macaé tem trajetória marcada na educação, na luta antirracista, no ativismo e na defesa dos direitos humanos. Professora e assistente social, foi a primeira mulher negra a ocupar os cargos de secretária de Educação de Belo Horizonte (2005 a 2012) e de Minas Gerais. (2015 a 2018). Reconhecida pelo trabalho sociopolítico educacional em todo país, Macaé é graduada em Serviço Social (PUC-MG), mestre e doutoranda em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. No Poder Executivo, foi secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (MEC) na década passada.



JUSTIÇA ELEITORAL OFERECE APLICATIVOS PARA FACILITAR A VIDA DO ELEITOR

Entre os apps estão o e-Título, que substitui o título de eleitor impresso, e o Pardal, que permite o envio de denúncias

Agência Câmara

Launched há seis anos, o e-Título é o aplicativo da Justiça Eleitoral que substitui o tradicional título de eleitor impresso no dia das eleições. O app, que pode ser baixado em qualquer plataforma para uso no celular ou no tablet, oferece diversas facilidades e permite o acesso rápido a informações eleitorais, como o local de votação.

O eleitor que já fez o cadastramento biométrico (impressões digitais, fotografia e assinatura) terá uma fotografia na sua versão do e-Título, facilitando a iden-

tificação na hora do voto. Caso contrário, deverá levar outro documento oficial com foto para se identificar ao mesário no dia da votação.

Outros aplicativos

A Justiça Eleitoral conta ainda com outros aplicativos para auxiliar o eleitor:

- **Resultados** permite que o cidadão acompanhe a apuração das eleições
- **Boletim na Mão** fornece uma cópia digital dos boletins de urna
- **Mesário** foi desenvolvido para treinar e auxiliar os mesários antes e durante as eleições
- **Pardal** permite o envio de

denúncias com indícios de práticas indevidas ou ilegais no âmbito da Justiça Eleitoral.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, até o último dia 11, o Pardal havia recebido mais de 34.200 denúncias sobre práticas de propaganda eleitoral irregular na campanha das Eleições Municipais de 2024.

Entre os estados, São Paulo liderava o ranking, com 6.702 denúncias, e Minas Gerais aparecia em segundo lugar, com 4.145. Por outro lado, Roraima e Amapá eram as unidades que haviam registrado menos denúncias, respectivamente 23 e 48 reclamações.

Com informações do TSE

UMA SEGURANÇA PÚBLICA POPULAR: REFLETINDO ALÉM DA MILITARIZAÇÃO

No estado de São Paulo, a letalidade policial está diretamente vinculada às consequências do policiamento ostensivo promovido pela Polícia Militar, e, portanto, que muitas vezes parece ser a única forma de promover segurança pública

Por Sofia Toledo e Ruan Bernardo

A violência letal, tecnicamente entendida como homicídios e mortes violentas intencionais, constitui um entrave constante no cotidiano de grande parcela da população brasileira no quesito de acesso a direitos garantidos constitucionalmente. Está longe de ser novidade que parte significativa desses assassinatos são praticados por agentes de segurança do Estado, que atuam de maneira seletiva, com foco em favelas e periferias

das diversas regiões do país. A forma de policiamento, fortemente militarizada, produz no imaginário social a ideia de que a atuação policial se resume a armamentos de alto calibre e seu uso ostensivo por meio de incursões, operações, abordagens violentas, que têm sua eficácia medida pelo número de prisões efetuadas. Assim, buscamos demonstrar em trabalhos recentes como a violência policial não é um caso isolado ou um desvio das normas de policiamento, mas um padrão sistêmico que reflete o racismo e as desigualdades que estruturam a sociedade, e

consequentemente, as instituições de segurança pública.

A Polícia Militar de São Paulo (PMSP), por exemplo, é responsável por realizar o policiamento ostensivo, por meio de patrulhas e abordagens, atendendo ocorrências, em uma cotidiana busca ativa por suspeitos, mas sem um ordenamento legal ou orientação de um protocolo, fortalecendo assim a arbitrariedade evidenciada na filtragem racial. Quando olhamos os dados sobre prisões em flagrante realizadas pela PMSP, eles indicam que, em taxas populacionais de grupos de negros e de não-negros, os primeiros têm uma chance de serem presos em flagrante 2,4 vezes maior (Sinhoretto et al., 2021). Ou seja, a filtragem racial se torna uma ferramenta de trabalho, facilitando alcançar os objetivos de produtividade que compõem o cerne do policiamento ostensivo, enfatizando e reforçando estereótipos racializados de locais e pessoas suspeitas, visando ao cumprimento de metas (Lima e Costa, 2014).

No estado de São Paulo, a letalidade policial está diretamente vinculada às consequências do policiamento ostensivo promovido pela Polícia Militar, e, portanto, que muitas vezes parece ser a única forma de promover segurança pública. Este modelo é sustentado e justificado por uma narrativa que conclama o combate urgente a um inimigo interno, no formato da guerra constante. Esse discurso de “guerra ao crime” se materializa em políticas concentradas em investimentos em equipamentos, novos armamentos, aumento do efetivo, sistema de informações e adoção de tecnologias de inteligência artificial. Assim, a militarização é promovida dada a sua necessidade para combate ao inimigo interno, personalizado nos homens jovens

e negros, em detrimento de reformas necessárias nas políticas de segurança pública.

O resultado dessa combinação se manifesta nas periferias das grandes e médias cidades, nos altos índices de mortes em decorrência de ação policial, crescimento acelerado do encarceramento em massa, adoção de tecnologias como videovigilância e reconhecimento facial que reforçam injustiças, estereótipos e desigualdades em relação à juventude negra e periférica.

A efetividade deste modelo é amplamente questionada pela realidade. Basta ver que mesmo com os avanços de políticas sociais, de legislações protetivas de direitos coletivos, de políticas de proteção da cidadania, aumentou a violência, a superlotação de presídios e agravou-se a letalidade policial. As políticas sociais apontam numa direção, já as políticas de policiamento ostensivo têm como consequência o desmantelamento e enfraquecimento das políticas sociais nos territórios em que o policiamento ostensivo é mais acirrado. Por exemplo, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro divulgou recentemente que, após uma Operação Policial de combate ao crime organizado, pelo menos 20 mil estudantes ficaram sem aula, escolas do Complexo da Maré, Complexo da Penha, Complexo do Alemão e Morro do Trem foram fechadas e as aulas canceladas para própria segurança da comunidade escolar. No Complexo da Maré, escolas ficaram mais de 15 dias fechadas total ou parcialmente por conta da rotina diária de operações policiais.

Para além da forma como afeta o acesso à educação da população que vive nas favelas e periferias, esta política afeta também o acesso à saúde, postos de atendimento são fechados durante operações, o transporte é paralisado, comércios são fechados. O estado

de tensão submete os moradores que estão expostos a esse tipo de violência a ter 42% mais chances de desenvolver hipertensão, como demonstram pesquisas. Além dos danos à integridade física e mental, as ações policiais em periferias têm prejuízos diversos para os moradores, no Rio de Janeiro são pelo menos R\$14 milhões de prejuízo por ano, por não conseguir ir trabalhar, por fechamento dos comércios, produtos danificados em troca de tiros.

Por isso é necessário debater os efeitos da militarização da segurança pública e o quanto isso enseja a necessidade de uma segurança pública popular, como alternativa que trate a polícia como parte do povo trabalhador. O formato em que se organizam as políticas públicas voltadas à segurança não estão dando e nunca deram retornos que satisfaçam as necessidades da população, principalmente dos grupos periféricos. Esse formato tem sido um obstáculo para políticas sociais, por um lado, e não tem apresentado resultados efetivos no enfrentamento do crime organizado.

Assim, é preciso aproximar o povo das políticas de segurança, da política e das instituições de justiça. A descentralização do debate da segurança pública deve considerar a participação das populações que residem nas periferias, tendo em vista que essas são as mais impactadas pela militarização. Uma possibilidade muito interessante para realizar esse processo é considerar as organizações e movimentos sociais das periferias por já estarem organizando-se em torno dessas pautas. Exemplos são encontrados no Mapeamento de Movimentos Sociais e Coletivos das Periferias Brasileiras, no qual 20% das organizações colocam a pauta da violência como um dos seus principais temas de incidência, entre essas quase metade são organizações que trabalham com

temas da cultura e do trabalho, o que demonstra que essas organizações compreendem a necessidade de se debater segurança pública para além do policiamento e da violência.

Essas organizações são importantes não só pelo formato em que se organizam sobre o debate, mas por como se articulam territorialmente também. Nessa amostra, 91% das organizações realizam incidência em âmbito focalizado entre o próprio bairro, região da cidade, município e estado; e também 80% participam ou já participaram de atividades de outras organizações, dados importantes para compreender que essas estão articuladas territorialmente e que compreendem quais são os objetivos e necessidades populares. Tanto que 50% delas participam ou já participaram de conselhos de participação e controle social para conseguir incidir de maneira mais institucionalizada. Portanto, há de se enfatizar que a segurança pública a partir da militarização da polícia não é uma solução, tendo em vista os desgastes sociais que isso pressupõe, e a legitimação dos grupos periféricos nesse debate seria um caminho possível ao debate de políticas públicas conectadas às demandas dos territórios mais reprimidos.

*Sofia Helena Toledo: graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e mestranda em sociologia pela mesma instituição. Faz parte do grupo de pesquisa Mobilidades: teorias, temas e métodos (MTTM). É pesquisadora responsável pelo eixo de violência do Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo e no AFRO CEBRAP.

*Ruan Bernardo é graduando em Gestão de Políticas pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador da área Reconexão Periferias da Fundação Perseu Abramo (FPA). Vinculado ao projeto Periferias na Pandemia do Centro de Estudos em Conflito e Paz (CCP), do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais (NUPRI), da Universidade de São Paulo (USP).



SEMEANDO ESPERANÇAS EM NOVA YORK, POR BETÓ FARO

Para o líder do PT no Senado, é possível que entre os efeitos dos discursos e articulações feitas pelo presidente, haja a potencialização da relevância da reunião de Cúpula de Líderes do G20

Penso que as brasileiras e brasileiros que não flertam com o extremismo ficaram honrados e orgulhosos com a agenda e o desempenho político do presidente Lula durante sua passagem por Nova York para participar da 79ª edição da Assembleia Geral das Na-

ções Unidas.

É possível que entre os efeitos dos discursos e articulações feitas pelo presidente, haja a potencialização da relevância da reunião de Cúpula de Líderes do G20 - atualmente sob a presidência do Brasil - que ocorrerá no mês de novembro no Rio de Janeiro.

Da mesma forma, habilmente

o presidente cuidou para mobilizar e reforçar a importância da COP 30 para o combate à crise climática. Graças aos empenhos do presidente Lula e do governador Helder, teremos a honra de sediar a COP, em Belém, em novembro de 2025. A COP 30 parece se constituir a última chance para o mundo reagir, de fato, contra a iminência do colapso do

clima.

Esses movimentos realizados pelo presidente em Nova York, se deram na sua agenda superintensiva que, ao contrário do presidente anterior -isolado em todos os fóruns internacionais que frequentava- teve que se desdobrar para cumprir os compromissos políticos agendados.

Além das atividades na ONU, Lula manteve bilaterais com vários líderes políticos mundiais como o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz; com a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen; com o presidente da França Emmanuel Macron, com o primeiro-ministro do Haiti, Garry Conille, entre outros. Foi convidado das Fundações Bill/Melinda Gates, e Clinton para dialogar sobre temas globais encampados por essas entidades. Lula também discursou na abertura da reunião de Chanceleres do G20.

Ainda entre outras atividades, o presidente coordenou o evento "Em defesa da democracia, combatendo os extremismos", em conjunto com presidente espanhol Pedro Sanchez.

Não obstante a intensa negociação pela resolução dos impasses colocados para o Acordo Mercosul/União Europeia, com destaque (saibam os ruralistas) para a tentativa de postergar ou flexibilizar os efeitos danosos para o Brasil da lei anti desmatamento da UE, quatro grandes temas foram os alvos centrais das articulações do presidente.

Primeiro, as iniciativas para o combate à desigualdade, à desinformação e ao radicalismo. Em segundo, a sua persistência obstinada pela mobilização global para o enfrentamento da fome com o lançamento da aliança contra a fome e a pobreza em todo mundo. Em terceiro, a efetividade do enfrentamento às mudanças do clima. Como quarto



Ricardo Stuckert

grande tema, a governança global, de modo a atualizar a ONU e demais instituições multilaterais ante à realidade geopolítica atual.

EM 2023, O PAÍS JÁ SE PREPARAVA PARA O G20 E BRASIL ANUNCIOU MAIS DE 120 EVENTOS PREPARATÓRIOS DA CÚPULA DO G20. O BRASIL OCUPA A PRESIDÊNCIA DO GRUPO DAS MAIORES ECONOMIAS DO PLANETA

Todos esses temas vêm sendo cuidadosamente discutidos e ar-

ticulados nos trabalhos do G20 que culminarão na Cúpula de novembro onde poderão ser dados passos substantivos nos compromissos dos países mais ricos no cumprimento dessas agendas. Caso isso venha a ocorrer o Brasil terá o reconhecimento sem precedentes da comunidade internacional. De outra parte, os discursos e tratativas do presidente em torno do imperativo e derradeiro envolvimento global contra a crise climática, tenderá a elevar exponencialmente as atenções para a COP 30.

Por fim, é de altíssima relevância e urgência a conclamação de Lula por reformas estruturais na ONU de modo a qualificar a instituição como efetiva, representativa e legítima instância da governança global. O Conselho de Segurança da ONU, que trata de questões de paz e segurança, é anacrônico, perverso e inútil. Mas as agências e outras organizações da ONU prestam serviços inestimáveis para a humanidade. O governo brasileiro irá propor a revisão da Carta da ONU. Junto com as demais ações, nosso governo semeou esperanças para o mundo em NY.

FALECIMENTO DE NATHÁLIA URBAN PROVOCA COMOÇÃO NAS REDES

Jovem ativista sediada em Edimburgo, Escócia, apresentadora do Brasil 247, teve morte cerebral no dia 27. Colegas de profissão prestaram homenagens e presidente Lula e a primeira dama, Janja da Silva, lamentaram o ocorrido

Fernanda Otero

A jornalista brasileira Nathália Urban faleceu aos 36 anos após um acidente em Edimburgo, na Escócia, onde vivia desde 2015. Desde 2021, atuava como correspondente do Brasil 247, apresentando os programas “Globalistas” e “Veias Abertas” e colaborava com os sites Jacobina e Brasil Wire.

Natural de Santos, Nathália passou a infância sob os cuidados de sua mãe e avó, enfrentando desafios que lhe despertaram um feminismo precoce. Mudou-se para João Pessoa, na Paraíba, onde, inspirada por um professor de ensino médio, interessou-se por revoltas populares e pela história da América Latina. “Ele me apresentou tudo, minha primeira paixão foi Canudos, ele me ensinou tudo sobre as revoltas populares” disse em uma entrevista ao Brasil 247.

Iniciou sua formação acadêmica em antropologia, cursou ciências sociais mas sob a influência da avó, migrou para o jornalismo e concluiu o curso na PUC de San-

tos. Após o falecimento da mãe e da avó, duas grandes influências em sua vida, decidiu migrar para Londres com seu primeiro marido, de quem adotou o sobrenome.

Nathalia relatou em diversas oportunidades sua decepção com a experiência em solo londrino. Vítima de preconceito pelo fato de ser mulher imigrante e latina, soube que a Escócia poderia ser um país mais acolhedor. Mudou-se com o então marido para Glasgow e depois para Edimburgo. Ao descobrir a luta escocesa pela independência do imperialismo britânico, ela decidiu permanecer no país.

Após a eleição de Bolsonaro, ela passou a contribuir com o Brasil Wire em matérias onde denunciou as relações entre Bolsonaro e o governo britânico.

Conseguiu alguma inserção na mídia progressista escocesa, mas dizia que a cobertura política é um “clube fechado onde todos se conhecem”. Nathalia criticava o comportamento da mídia local ao não ser reconhecida como analista de política e por não receber convites para este tipo de trabalho.

Repercussão

Colegas do canal 247 prestaram muitas homenagens. Hildegard de Angel destacou que a mídia progressista, nacional e internacional, estava de luto, enquanto Renato Rovai, da Revista Fórum, lamentou a perda de uma “jovem extremamente talentosa”. Os sites Jacobina e Brasil Wire escreveram editoriais ressaltando sua dedicação.

O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva expressou seu pesar pela rede social Blue Sky, destacando a importância de esclarecer as circunstâncias de sua morte. A primeira-dama Janja da Silva, também manifestou seu pesar.

A mídia escocesa repercutiu a publicação de Lula. Jeremy Corbyn, que também conhecia a jornalista, disse ao jornal Edinburg News que ela era uma jornalista “destemida e seu falecimento é uma tragédia e me entristece profundamente” e que apoiava o pedido do presidente Lula por esclarecimentos.

Nathalia havia escrito em seu perfil do X no dia 23, dois dias antes do acidente, que estava à procura de trabalho para não acabar sem teto e que estaria aceitando “qualquer coisa”. Ela escreveu ainda que jamais tinha estado tão deprimida em sua vida.

A embaixada do Brasil em Edimburgo está acompanhando o caso. Os órgãos de Nathália foram doados, como era seu desejo. O corpo será sepultado em São Paulo.

INSTRUMENTOS DO SAMBA SE TORNAM MANIFESTAÇÕES DA CULTURA NACIONAL

Modo de fazer desses instrumentos também foi reconhecido



TV Brasil

Agência Brasil/Rádio Nacional

Nove instrumentos musicais do samba, entre eles o pandeiro, o tam-tam, a cuíca e o tamborim, foram reconhecidos como manifestações da cultura nacional, em todo o território brasileiro. A lei que oficializa a decisão foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e publicada no Diário Oficial da União na segunda-feira (30).

Também estão reconhecidas como práticas e tradições culturais os modos de fazer os instrumentos musicais.

Na lista dos nove instrumentos conhecidos das rodas e es-

colas de samba também estão o surdo, o rebole, a frigideira, a timba e o repique de mão.

De acordo com a lei, todos os instrumentos deverão ser denominados como manifestações da cultura nacional quando seguirem as práticas e tradições culturais a eles associadas em seus respectivos modos de produção. As formas e os modos de produção dos instrumentos musicais serão detalhados em decreto.

Mestra de percussão, a paulista Jackie Cunha, de 32 anos, sabe tocar esses instrumentos, com exceção da cuíca. Ela conta que começou aprender sobre os instrumentos ainda criança, levada pela mãe nas rodas de samba paulista. Aos sete anos, já tocava

o primeiro pandeiro.

Para a percussionista, o reconhecimento oficial dos instrumentos do samba deve ser celebrado, mesmo que tardio.

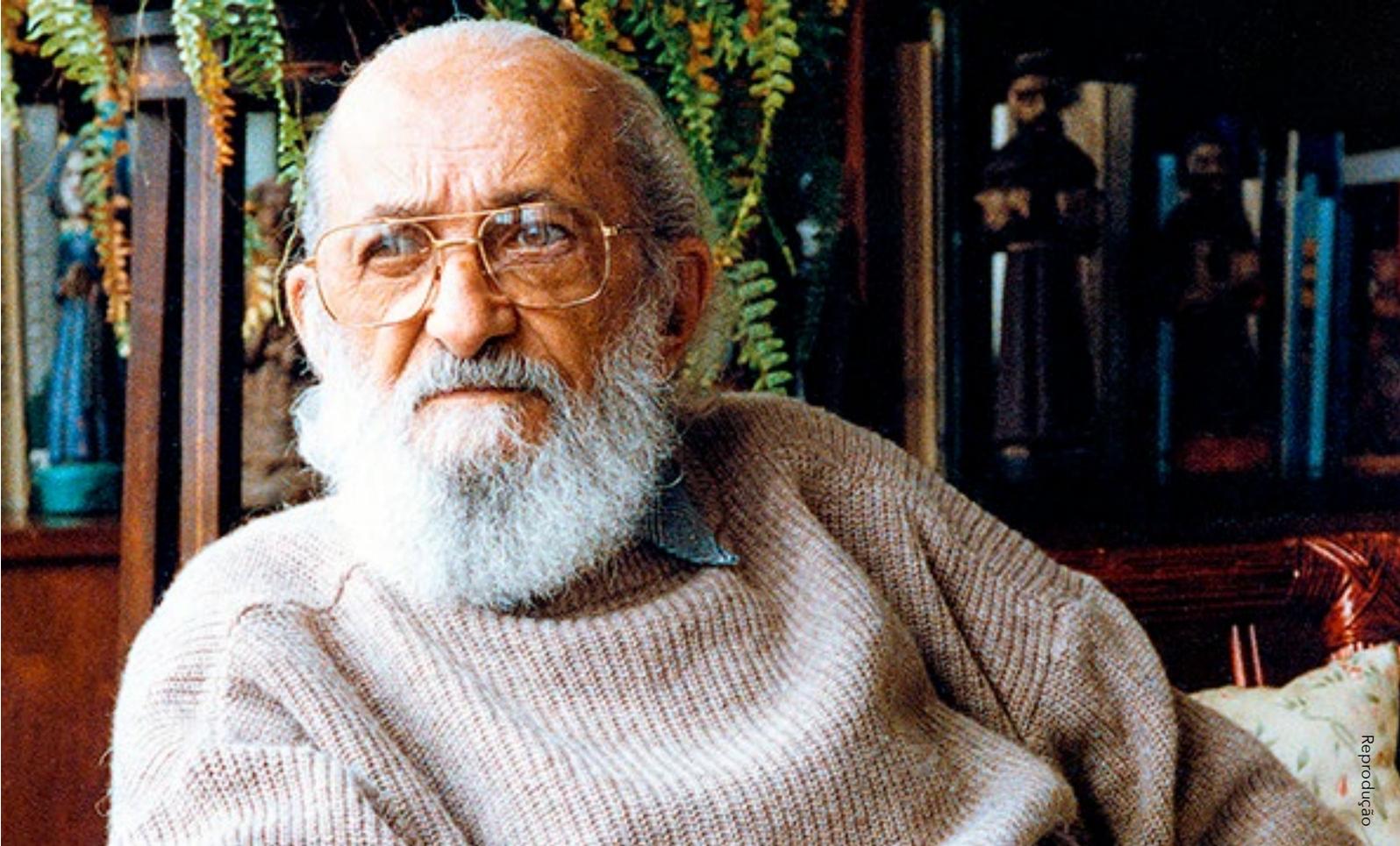
"A importância é gigantesca. Você encontra surdo, caixa, tamborim e pandeiro em diversos ritmos, além do samba, por trazerem essa sonoridade, essa riqueza de detalhes, essa riqueza sonora", disse.

O percussionista Glauber Marques é a terceira geração de cuiqueiros da família. Aprendeu com o avô batuqueiro a tocar o instrumento numa das mais tradicionais escolas de samba de São Paulo: a Nenê de Vila Matilde.

"A alma do samba é o instrumento, o coração da batucada, a manifestação está no batuque, no som. Sem instrumento não tem samba. A cuíca, como dizia meu avô, é o instrumento mais malandro, ela chora e dá risada ao mesmo tempo", conta.

De instrumento de samba, a mestre de bateria Rafa entende. Sob o comando dela, estão 172 ritmistas da escola de samba Imperatriz da Paulicéia. Em 2015, ela se tornou a primeira mulher no comando de uma bateria de escola de samba em São Paulo.

Para Rafa, mesmo com afinações e andamentos melódicos diferentes, seja numa roda de samba, seja numa bateria de escola durante o carnaval, os instrumentos musicais dão corpo e alma ao samba.



Reprodução

103 ANOS DE PAULO FREIRE: POR UMA NOVA PRIMAVERA

Em tempos de retrocessos históricos e da ascensão de um neofascismo global que ameaça conquistas sociais e democráticas arduamente construídas, refletir sobre o legado de Paulo Freire é não apenas um exercício de memória, mas uma ação de resistência e reavivamento político.

Teresa Ribeiro e Alexandre Trindade

Celebrar os 103 anos de Freire significa reafirmar o compromisso com a transformação radical da sociedade, utilizando sua obra como farol para trilhar caminhos

que, mesmo sob a escuridão da barbárie, apontam para a emancipação dos oprimidos.

Freire nos legou um conceito de utopia insurgente, enraizado no seu "inédito viável", que nos impele a desafiar as estruturas de opressão e a construir, na práxis, as bases de um futuro alternativo. Não se trata de um idealismo

ingênuo, mas de uma pedagogia concreta de transformação social, onde a utopia é compreendida como uma força motriz para a ação política consciente e coletiva. É, sobretudo, a afirmação de que outro mundo é, não apenas possível, mas necessário e, que esse mundo deve ser vislumbrado e construído pelas mãos dos

que sofrem as maiores consequências da desigualdade e da exclusão.

A utopia insurgente se distingue por sua ancoragem em contextos sociais concretos, engajando-se diretamente com as realidades dos oprimidos e das classes marginalizadas. Emerge, também, da luta cotidiana, das resistências enraizadas nas condições materiais da exploração e da opressão.

Em última instância, nos convida a romper com o conformismo e a resignação diante das crises atuais. Ao contrário das visões distantes e abstratas de um futuro idealizado, ela nos impele a agir no presente, a transformar as estruturas de opressão a partir da mobilização popular e da educação crítica. Como ferramenta metodológica, a utopia insurgente oferece uma nova gramática de transformação social, na qual o futuro é constantemente construído e reconstruído pelas mãos daqueles que se recusam a aceitar o mundo tal como ele é.

Educação Popular, o MST e a Utopia Insurgente em Ação

Um dos exemplos mais vigorosos e contundentes de como a utopia insurgente freireana se concretiza na prática é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desde sua fundação, o MST não apenas desafia a estrutura agrária concentrada nas mãos de latifundiários e grandes conglomerados agroindustriais, mas também questiona frontalmente o paradigma educacional hegemônico que, historicamente, tem servido à reprodução das desigualdades e à manutenção de um status quo excludente. O MST, ao adotar uma pedagogia profundamente emancipatória, não se limita à luta pela posse da terra; ele empreende uma batalha mais

ampla e complexa pela transformação do imaginário político e social acerca do que significa educação, cidadania e participação democrática no Brasil.

A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), inaugurada pelo MST em 2005, emerge como um símbolo dessa estratégia insurgente. Muito mais do que um espaço de formação convencional, a ENFF constitui-se como um território de resistência ativa contra a lógica neoliberal que mercantiliza o conhecimento e instrumentaliza a educação. Nesse espaço, o conceito de inédito viável, tal como proposto por Paulo Freire, se traduz em prática viva:

educadores e educandos não são meros transmissores e receptores de informações, mas sujeitos históricos que, coletivamente, constroem novos projetos de sociedade a partir de uma educação crítica e dialógica.

Organização Popular nas Cidades: A Luta pelos Direitos das Pessoas em Situação de Rua

Em nítido contraste com o cenário rural, mas imbuído do mesmo espírito freireano de insurgência e organização social, o trabalho de movimentos populares nas ruas de São Paulo oferece um exemplo contundente de como a utopia insurgente de Freire se manifesta no coração das metrópoles. Um exemplo é a atuação de Padre Júlio Lancellotti junto à Pastoral do Povo da Rua, desvelando uma dimensão radical da luta contra a Aporofobia, a criminalização da pobreza e a marginalização sistemática dos que vivem entregues a sua própria sorte. Sua ação transcende a oferta de assistência material básica; ela constitui uma pedagogia de solidariedade, da escuta e do conviver, profundamente ancorada na dignidade humana,

erguendo-se como uma crítica aberta às estruturas que perpetuam a exclusão social nas dinâmicas urbanas contemporâneas.

Assim, vem deste território, desde o período de crise durante a pandemia do Covid-19, a necessidade de debater sobre o ódio aos Pobres. E, diante da necessidade das próprias pessoas em situação de vulnerabilidade compreenderem o porquê de tanto ódio e intolerância, Aporofobia/Pobrefobia passam a compor, nesse contexto, a expressão "TIJOLO" que se transforma no tema principal dos encontros diários, durante o café da manhã, com grupos de pessoas em situação rua e convidados.

Desses encontros dialógicos, surgiu a criação de Projetos de Formação e fomento ao trabalho e renda, bem como, a elaboração e produção de legislações em todas as esferas públicas. Permitiu ainda, no campo da produção literária, elaboração de várias publicações, entre elas: Livro APOROFOBIA - conceito de ódio aos pobres e Livro POMBOS - que estabelece uma relação com a identidade da pessoa em situação de rua e o universo que o cerca, foram desenvolvidos em conjunto com as pessoas em situação de rua. Estes dois livros passarão a compor as salas de Leitura, via Ministério da Educação em todo país.

Finalmente, a pedagogia emancipatória em Freire nunca foi tão necessária e nunca esteve tão viva. E nesse contexto, sempre é bom lembrar suas palavras: "É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática". Paulo Freire vive!

Teresa Ribeiro - Presidente do Instituto Popular Paulo Freire
Alexandre Trindade - Doutor em Educação - Cambridge University

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO: TENSÃO ENTRE IRÃ E ISRAEL APAVORA A REGIÃO

Cerca de 100 mil pessoas atravessaram a fronteira com a Síria nas últimas duas semanas, enquanto Israel prossegue a sua ofensiva no Líbano, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU)



Reprodução/Wikimedia Commons

Após o aviso dos Estados Unidos de que Israel estaria na iminência de um ataque iraniano com mísseis balísticos, o Irã confirmou, através da televisão estatal, que lançou múltiplos mísseis contra Israel, alegando que este é um ato de retaliação pela morte de líderes do Hezbollah. O anúncio veio acompanhado de um aviso de que qualquer retaliação israelense será respondida de forma ainda mais severa por Teerã, informou o Euronews.

De acordo com informações da ABC News, espera-se que o Irã lance entre 240 a 250 mísseis em duas ondas, com alvos em Israel incluindo o quartel-general da Mossad e três bases aéreas.

Em resposta ao ataque, o exército de Israel acionou sirenes em todo o país e orientou a população a permanecer próxima a abrigos, com mensagens enviadas de texto e anúncios na televisão nacional. As sirenes foram ouvidas em Jerusalém e no centro de Israel.

Em Jaffa, ao sul de Tel Aviv, um tiroteio teria causado oito mortos. As autoridades tratam o caso como ataque terrorista.

O clima de tensão levou a Jordânia a suspender todo o tráfego aéreo, enquanto Israel cancelou todos os voos no aeroporto principal, Ben-Gurion.

Nos EUA, um alto funcionário alertou para possíveis "graves consequências" se o Irã avançar com o ataque, uma preocupação confirmada por Daniel Hagari, porta-voz

das Forças de Defesa de Israel.

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, dirigindo-se à nação, alertou para "dias de grandes desafios" com a situação na fronteira do Líbano e solicitou unidade e cumprimento das diretrizes militares.

Brasil envia avião para repatriados

Um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) irá buscar brasileiros que estão no Líbano nos próximos dias. Segundo comunicado do Ministério das Relações Exteriores, a determinação para repatriar os brasileiros é do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A operação, coordenada pelo Itamaraty e pelo Ministério da Defesa, terá a data anunciada nos próximos dias, após análise das condições de segurança para o voo. O planejamento inicial da FAB prevê a decolagem do aeroporto de Beirute, que se encontra aberto.

"A Embaixada no Líbano está tomando as providências necessárias para viabilizar a operação, em contato permanente com a comunidade brasileira e em estreita coordenação com as autoridades locais", diz a nota do Itamaraty.

Com informações da Euronews e da Agência Brasil



DILMA ROUSSEFF RECEBE HONRARIA MÁXIMA DE XI JINPING

Presidente do Banco dos Brics, Dilma reforçou laços de amizade e parceria econômica entre Brasil e China

Redação FPA

A ex-presidenta do Brasil Dilma Rousseff recebeu a Medalha da Amizade, em Pequim, no Grande Salão do Povo, das mãos do presidente Xi Jinping.

A honraria aconteceu no último domingo (29). Desde abril de 2023, Dilma comanda o Novo Banco de Desenvolvimento, conhecido como Banco do Brics, em Xangai.

A honraria é a maior homenagem concedida a estrangeiros, com foco em "indivíduos

que fizeram contribuições extraordinárias para apoiar a modernização socialista da China e com o objetivo de promover intercâmbios e cooperação entre a China e países estrangeiros e salvaguardar a paz mundial", segundo o governo chinês. A cerimônia ocorreu

por ocasião do 75º aniversário da fundação da República Popular da China (RPC), que ocorre em 1º de outubro.

A ex-presidenta brasileira, em seu discurso, declarou estar “profundamente honrada” e reafirmou a solidez da relação entre os países, apontou os laços de amizade entre os povos, além de elogiar o líder chinês: “sua liderança tem sido fundamental na promoção da governança global e no estímulo a uma ordem internacional mais justa e equitativa”. Rousseff mencionou ainda “a transformação econômica acelerada, as inovações tecnológicas alcançadas e as extraordinárias conquistas sociais”, sobre a condução comunista do país.

Outros 14 homenageados chineses, de áreas como educação e artes, também foram destacados na cerimônia, que teve transmissão ao vivo. Veículos de comunicação brasileiros repercutiram as falas dos comentaristas da TV estatal chinesa sobre o discurso de Dilma. “É uma declaração ressonante da senhora Rousseff de que os países em desenvolvimento, líderes, como a China e o Brasil, estão se levantando”, destacou o economista John Gong.

Xi Jinping, em seu discurso, afirmou que o povo chinês “não esquece os amigos estrangeiros que ajudam a construir o país” e completou: “Dilma Rousseff é um excelente exemplo disso”. Neste contexto positivo, cresceu a expectativa em Pequim de que o Brasil anuncie a adesão à Iniciativa Cinturão e Rota, o megaprojeto chinês de infraestrutura também conhecido como “Nova Rota da Seda”. A relação bilateral entre os países deve resultar numa visita



Reprodução/ Redes sociais

de Estado ao Brasil, que o presidente Xi fará em novembro.

Em entrevista a jornalistas brasileiros, Dilma disse: “é um bom programa de cooperação internacional. Primeiro, porque ele é o único existente, não há outro com um escopo tão amplo, nem tampouco que tenha gastado US\$ 1 trilhão ao longo de dez anos. Mas, agora, há uma coisa importante para o Brasil e para os países do Sul Global, a proposta de fazer uma parceria em industrialização. Parques industriais e também transferência de tecnologia. Acho que essa é a grande oportunidade e a proposta fundamental para o Brasil”.

Ao ser questionada sobre uma visão de mundo que reforça dois polos antagônicos: “respeito o Partido Comunista da China, mas não acho que por conta disso o Brasil tem que ser comunista. A China tem uma coisa muito interes-

sante: a China diz que tem um caminho especificamente chinês. O Brasil tem que ter um caminho propriamente brasileiro. Agora, esse caminho não é o do anticomunismo, da visão da Guerra Fria”, afirma Dilma.

Sobre o futuro, Dilma Rousseff disse estar com saudades do Brasil, já que está há um ano e meio vivendo na China, e que deve voltar ao seu país de origem quando a gestão no banco chegar ao fim, em 2025.

Como demonstração de importância para a política do país, toda a cúpula do Partido Comunista esteve presente na entrega da medalha. A filha da ex-presidente, Paula, foi convidada a estar em Pequim e acompanhou a cerimônia. A Medalha da Amizade foi entregue pela primeira vez ao presidente da Rússia, Vladimir Putin, em 2018.

VOLKSWAGEN: MONTADORA ALEMÃ PLANEJA GRANDE CORTE DE POSTOS DE TRABALHO

Encontro na quarta-feira (2) em Hanover, na Alemanha, é apontado como decisivo para os funcionários de uma das dez maiores montadoras de veículos do mundo, a alemã Volkswagen



Reprodução

Fernanda Otero

No começo de setembro, a diretoria de uma das maiores montadoras de veículos automotivos do mundo, a alemã Volkswagen anunciou seus planos para conter gastos: corte de pessoal e fechamento de unidades de produção.

Oliver Blume, CEO da empresa, deseja implementar um conjunto de medidas ainda este ano para cortar gastos, dada a baixa demanda do setor e a transição para veículos elétricos. Entre os cortes estaria a suspensão das atividades de uma das mais tradicionais unidades da Volks e que fabricou o primeiro Fusca do mundo, localizada em Wolfsburg.

O atual CEO, reconhecido como um gestor tranquilo, foi es-

colhido pelo poder concentrado nas mãos dos acionistas majoritários da família Porsche por trás da Volkswagen para se tornar chefe do grupo em 2022. Segundo a Agência France Press, seu estilo contrapõe-se ao de seu antecessor, visto como muitos como "desagregador e controverso". Blume também foi CEO da Audi, Seat e da Porsche.

A representante dos trabalhadores, Daniela Cavallo, descreveu o momento como o mais duro de sua longa carreira dentro da empresa. Reconhecida como poderosa negociadora, Daniela é a primeira mulher a liderar o conselho de trabalhadores da montadora. Sua carreira começou com um estágio logo após o ensino médio, em 1994. Em 2002, foi eleita para representar os trabalhadores na subsidiária da VW Auto 5000.

Desde abril de 2021, ela é

Presidente do Conselho de Trabalhadores da unidade de Wolfsburg, do Conselho Geral de Trabalhadores, e do Conselho de Trabalhadores do Grupo, desde maio do mesmo ano. Ela também ocupa outros cargos estratégicos dentro da estrutura administrativa e consultiva. Sua atuação abrange também parcerias com associações, ONGs e sindicatos.

Um comunicado do Sindicato IG Metall manifestou sua indignação quanto à última rodada de negociação que aconteceu dia 25 de setembro. O sindicato relata a decisão de uma manifestação que acompanhou as negociações. "Mais de 3.000 trabalhadores metalúrgicos da Volkswagen em Hanover-Herrenhausen expressaram claramente sua opinião sobre os planos do conselho da VW. Greves de advertência poderão ocorrer a partir de 1º de dezembro, um dia antes do término da cláusula de paz do acordo coletivo de trabalho que foi rescindido".

A executiva Daniela Cavallo declarou em seu perfil no Instagram que a empresa só havia "tirado os acordos coletivos da mesa".

O sindicato está exigindo um aumento salarial de 7% e um acréscimo de 170 Euros para os estagiários. "Essas demandas, cuidadosamente ajustadas ao porte da indústria metalúrgica e elétrica, foram apresentadas de maneira fundamentada pela comissão de negociação do IG Metall à empresa", esclareceu o comunicado.

Com informações da AFP

MARK RUTTE, NOVO SECRETÁRIO GERAL DA OTAN ASSUME EM BRUXELAS

A Organização do Tratado do Atlântico Norte, Otan, recebe novo secretário geral, ex-primeiro ministro da Holanda, afirmando que “é preciso gastar mais”



Reprodução/World Economic Forum

RUTTE

O novo secretário-geral da Otan, Mark Rutte, assumiu na terça-feira, 1º de outubro, em Bruxelas, afirmando que é preciso “gastar mais” e “aumentar a defesa coletiva”. Em um comunicado conjunto à imprensa no hall de entrada da sede em Bruxelas, antes da solenidade de posse, ele recebeu elogios de Jens Stoltenberg, que ressaltou as qualidades de negociador do político holandês. “Ele liderou quatro

governos de coalizão diferentes, portanto, ele sabe como fazer compromissos e criar consensos”, disse Stoltenberg.

Além de ressaltar o trabalho realizado por seu antecessor, que esteve no cargo durante uma década, Mark Rutte declarou em sua saudação que “acreditamos que um forte laço transatlântico é a base da nossa aliança” e que faria todo o possível para garantir que a aliança “permaneça sólida como uma rocha”.

Em seu discurso de posse, o

secretário destacou que suas três prioridades para a Aliança são “manter a Otan forte e garantir que nossas defesas permaneçam eficazes e credíveis, contra todas as ameaças”, “aumentar nosso apoio à Ucrânia e aproximá-la cada vez mais da Otan, porque não pode haver segurança duradoura na Europa sem uma Ucrânia forte e independente”, além de “fortalecer nossas parcerias”.

Rutte chega ao cargo com um orçamento astronômico estimado em US\$ 1,47 trilhão. Atualmente, 32 países membros contribuem financeiramente, sendo que 23 deles gastam 2% de seu PIB em defesa.

Conhecido pelo estilo de vida simples, Rutte ganhou notoriedade por usar a bicicleta como meio de transporte durante seus 14 anos como primeiro-ministro holandês.

Sites de notícias europeus deram amplo destaque para a posse de Mark Rutte, e a Bloomberg destacou que, entre seus principais desafios ao assumir o posto, estão lidar com a guerra na Ucrânia, a redefinição da defesa europeia e a expectativa de uma nova administração nos EUA. Ao contrário de seu predecessor, espera-se que Rutte adote uma abordagem mais prática, comentou o apresentador em um vídeo do canal no YouTube.



01 de outubro de 1949

COMUNISTAS TOMAM O PODER NA CHINA

O líder comunista Mao Tse-tung proclama a criação da República Popular da China, após derrotar pelas armas Chiang Kai-shek, líder do Kuomintang (partido nacionalista).

Esse foi o desfecho de uma luta entre o Partido Comunista Chinês (PCC) e o Kuomintang, que vinha desde 1928. Uma vez no poder, Mao nacionalizaria os principais meios de produção e realizaria uma ampla reforma agrária, oficializando o Partido Comunista Chinês como dirigente do país.

O PCC e o Kuomintang de Sun Yat-sen – líder nacionalista que também simpatizava com a União Soviética – chegaram a lutar juntos na guerra civil que, entre 1921 e 1925, unificou o país, ao derrotarem os Senhores do Norte.

Depois da morte de Sun Yat-sen, assumiu o Kuomintang o anticomunista Chiang Kai-shek, que, em 1928, ordenou o massacre de comunistas em Xangai e outras cidades. O PCC se

refugiou no campo, iniciando uma guerra de guerrilhas.

Essa luta foi interrompida em 1937, quando tropas japonesas invadiram a China, e retomada em 1945, quando elas foram expulsas. Quatro anos depois, a “guerra popular prolongada” de Mao seria enfim vitoriosa.

A estratégia chinesa inspiraria mais tarde outros partidos e grupos do Terceiro Mundo que defendiam a luta armada – contrariando a orientação soviética de empregar meios pacíficos para chegar ao poder.

No Brasil, o novo Partido Comunista do Brasil – reorganizado em 1962 e adotando a sigla PCdoB – enviaria, a partir de 1964, militantes à China para treinamento militar. Eles integrariam um comando guerrilheiro, formado a partir de 1967 na região do rio Araguaia, dizimado pelos militares em 1973.

Depois da vitória em 1949, a China foi reorganizada, tendo inicialmente como parâmetro a União Soviética, com quem

Mao Tse-tung romperia em 1958.

Depois disso, o processo de coletivização das terras se acelerou, e milhões de camponeses foram obrigados a se reunir em “comunhas populares”, que congregavam até 20 mil famílias cada uma.

Fora dos grandes centros urbanos, como Xangai, Pequim e Cantão, o país era economicamente defasado. O governo de Mao, embora ditatorial, legitimou-se socialmente graças ao reconhecimento da população pelos ganhos materiais e simbólicos conquistados.

Com a morte de Mao Tse-tung, em 1976, a China seria considerada uma “terceira via” no cenário econômico da Guerra Fria, com o chamado socialismo de mercado – configuração política fechada mas com uma economia aberta ao capitalismo. E Mao seguiria amado e venerado por amplas parcelas da população.



Reprodução

02 de outubro de 1992

O VERGONHOSO MASSACRE DO CARANDIRU

Uma briga entre facções de presidiários é o estopim para um confronto generalizado no interior da Casa de Detenção de São Paulo, que resultou num massacre que envergonharia o Brasil: 111 presos mortos e 110 feridos. Muitos corpos foram encontrados com as mãos sobre as cabeças, em sinal de rendição, ou algemados. Este foi o mais grave episódio na triste história do sistema prisional brasileiro.

Mais conhecida como Carandiru, a Casa de Detenção abrigava mais de 7 mil detentos em seus nove pavilhões. A capacidade oficial era de 3.250 pessoas. Após a eclosão do motim, os agentes penitenciários pediram ajuda da Polícia Militar. O então governador Luiz Antonio Fleury Filho estava no interior do Estado

e foi avisado. Por volta das 15h, o secretário de Segurança Pública, Pedro Franco de Campos, ordenou a invasão do presídio.

A tropa comandada pelo coronel Ubiratan Guimarães entrou no Carandiru utilizando armamento pesado e munição letal em vez de balas de borracha. Com as luzes da Detenção cortadas, os policiais entraram atirando no escuro. Os presos que tentavam esconder-se em suas celas eram executados mesmo que se despissem completamente para provar que não estavam armados.

Em aproximadamente 20 minutos, a situação foi dominada e os sobreviventes foram obrigados a se deitar nus sobre o chão do pátio, onde ficaram por várias horas. Os primeiros carcereiros

que entraram no presídio após a ação policial encontraram um cenário de horror: presos feridos gritavam por socorro, corpos mutilados empilhados, havia fogo nas celas e nos corredores, o piso das galerias estava inundado pela água de canos furados ou pelo sangue dos presidiários. O chamado Massacre do Carandiru teve grande repercussão nacional e internacional. Nenhum policial morreu.

Os números do massacre só foram revelados à opinião pública um dia depois, data das eleições municipais. Pouco antes do fechamento das urnas, o secretário de Segurança revelou que 111 presos haviam sido mortos – até então, a imprensa divulgara oito mortes. O governo de São Paulo foi acusado de esconder a dimensão da tragédia para não prejudicar o candidato do PMDB, partido de Fleury.

Passados 21 anos, foi concluído em 2014 o julgamento dos acusados, que durou 12 meses: 73 policiais militares foram condenados pelas mortes de 77 presos a penas que variaram entre 48 e 624 anos de prisão. Todos podem recorrer em liberdade. O coronel Ubiratan Guimarães já tinha sido condenado a mais de 600 anos de prisão. Ele recorreu da sentença e teve o julgamento anulado. O policial foi assassinado em 2006, em circunstâncias até hoje não esclarecidas. O Carandiru foi implodido em 2002 e deu lugar ao Parque da Juventude.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

memorialdademocracia.com.br

TEORIAeDEBATE

Revista da Fundação Perseu Abramo - Edição Especial - Abril 2024



1964 - 2024

60 ANOS DO GOLPE CIVIL-MILITAR

ALBERTO CANTALICE - ELEONORA MENICUCCI - EMILIANO JOSÉ - FERNANDA ESTIMA - FREI CHICO - HENRIQUE NUNES
HILDEGARD ANGEL - IVO LESBAUPIN - JAMES N. GREEN - JOSÉ DIRCEU - LUIZ EDUARDO GREENHALG - MARILENA CHAUI
MATILDE RIBEIRO - MARYLIANNA - MILTON TEMER - PAULO OKAMOTO - PEDRO ESTEVAM DA ROCHA DOMAR
RAUL PONT - RUI FALCÃO - TARSO GENRO - VALTER POMAR - WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

EDIÇÃO ESPECIAL

60 ANOS DO GOLPE

Informações e relatos sobre um período do Brasil que não foi superado e que, por isso, lutamos para que nunca volte a acontecer.

disponível para
DOWNLOAD!



visite teoriaedebate.org.br



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores